

CHARLES RIBEIRO PINHEIRO - LUIS XIII

ALMANAQUE

A FOME 130 ANOS



RODOLFO TEÓFILO
Romancista



Caricatura de Rodolfo Teófilo estampada na revista *Fanfarra*, em 07/03/1924.

Coube-me a tarefa de ser o cronista dos infortúnios do Ceará nesse meio século. Tive de contar a fome de todas as secas naquele período [...]

Fui sempre no meio em que tenho vivido um incompreendido. A injustiça, portanto, perdoou, como tenho perdoado, no correr da vida a todos que me têm ofendido. Passei alheio às lutas da política, que sempre detestei, sem aspirar às honras de seus cargos. Vivi até hoje para os meus livros, para a família e para os infelizes que me pediram proteção. Envelheci sem ódios e para os infelizes que me pediram proteção. [...]

O meu espírito já não tem ilusões nem desejos. O culto à verdade e à justiça fortaleceu em mim a idade. Assim, eu não podia mentir à geração que vem, falsear a verdade ao sabor de ódios e afeições. Aos meus, que ainda forem crianças, deixo estas páginas tristíssimas da história da nossa terra, para que meditem em nossas aflições, tirem delas ensinamentos e se aparelhem, para assistir, melhor do que nós, à dissolução do meio, às tentações do mal.

Trecho de "Aos pósteros", em *A Sedição de Juazeiro* (1915).

Fortaleza/CE - Fevereiro 2021

Pesquisa e textos:
Charles Ribeiro Pinheiro

Arte e diagramação:
Luís XIII

Revisão:
Charles Ribeiro Pinheiro e Deislânia Lima

Fomento:
Secretaria Municipal de Cultura de
Fortaleza

ÍNDICE

04 Biografia de Rodolfo Teófilo.

09 A Grande Seca de 1877.

12 Varíola e vacinação no Ceará.

16 O Clube Literário e o Naturalismo no Ceará.

21 A Padaria Espiritual e o amadurecimento do romancista.

25 *A fome* – romance da seca.

35 Onde encontrar o romance *A fome*?





Este Almanaque é parte da *Campanha Cultural A Fome-130 anos: Rodolfo Teófilo Romancista* que homenageia a efeméride do polêmico romance *A fome* (1ª edição-1890), uma ficcionalização dos dramas ocorridos durante a grande seca de 1877-1879, que marcou terrivelmente a vida do povo cearense. A Campanha ocorreu durante o mês de dezembro de 2020 a janeiro de 2021, consistindo em diversas ações *on-line*, por meio das redes e plataformas digitais, tais como um curso remoto, postagens, vídeos promocionais, videoconferência e este almanaque gratuito em forma de ebook, que utiliza a linguagem visual das histórias em quadrinhos como meio de ampliar a divulgação da obra ficcional do escritor Rodolfo Teófilo.

Baiano por acidente e cearense de coração, farmacêutico e literato, Rodolfo Marcos Teófilo (1853-1932) foi um homem de intensa atuação política e cultural, durante a passagem do século XIX para o XX, no Ceará. Intelectual engajado, foi um ferrenho opositor da oligarquia Accioly (1896-1912), além de denunciar os descasos públicos em relação às secas, também participou da campanha abolicionista, entre 1881 a 1883 e, contrariando os seus opositores, conseguiu erradicar a varíola do estado do Ceará (1900-1907). A palavra era o seu instrumento para demonstrar o seu repúdio e combater as injustiças e os problemas sociais que presenciava. Suas obras ficcionais, historiográficas e de divulgação científica constituem documentos de grande valor, tanto para o Ceará, quanto para o Brasil. Nenhum outro escritor pintou de maneira tão lúcida e engajada a alma, os costumes e as condições de vida do povo cearense.

A campanha é integrante do projeto de extensão "O entre-lugar na literatura cearense", coordenado pelo Prof. Dr. Charles Ribeiro Pinheiro, desenvolvido durante a pesquisa de doutorado em Letras da Universidade Federal do Ceará, entre 2014-2019, com orientação de Odalice de Castro Silva, Professora Titular do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Este Almanaque foi fomentado com recursos da Lei nº 14.017/2020 - Lei Aldir Blanc - por meio da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Fortaleza e serve como apoio didático e cultural para divulgação da história literária cearense.

Charles Ribeiro Pinheiro

* *Almanaque ou Almanach* (do árabe *al-manākh*) é uma publicação (originalmente anual) que reúne um calendário com datas das principais efemérides astronômicas como os solstícios e as fases lunares, mas atualmente os almanaques englobam outras informações com atualizações periódicas específicas a vários campos do conhecimento (Fonte:Wikipedia).

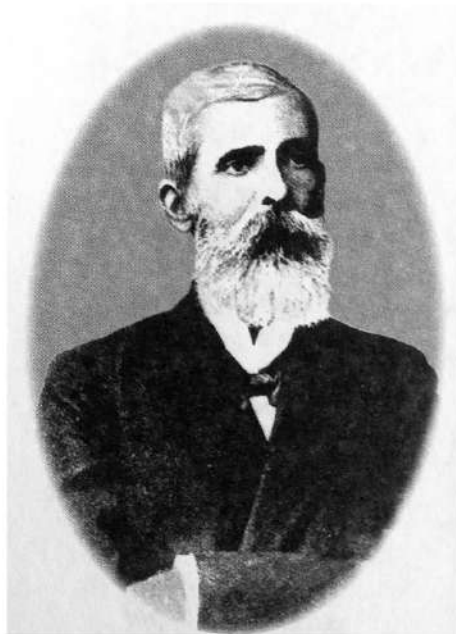


Foto de Rodolfo Teófilo estampada na obra *Libertação do Ceará*, 1914

BIO/GRAFIA DE RODOLFO TEÓFILO

A palavra biografia remete a um gênero textual que tem por objetivo narrar a vida de uma pessoa. Como homem de ciências e letras, Rodolfo Teófilo teve uma longa, ativa e conturbada trajetória. Ao se estudar a vida literária desse autor, exige-se a compreensão de sua *bio/grafia*. O termo assim grafado, com uma barra que delimita, mas não separa as duas partículas morfológicas, é singularizado pelo linguista francês Dominique Maingueneau, no livro *O contexto da obra literária* (2001).

A *bio/grafia* não é um mero levantamento de dados acerca da vida do escritor. Maingueneau põe uma barra entre os dois termos de origem grega: *bio*, de *βίος* (*bíos*), significa vida e *grafia*, de *γράφειν* (*gráphein*), escrever. Com isso, ele explica que o escritor vive em determinada sociedade e o seu texto será um ponto de interseção dinâmico, instável, constantemente desafiado. Ao realizar a atividade da escrita literária, o autor se compromete, se arrisca, negocia tensamente o pretensão sucesso do seu trabalho artístico, pois sua obra é indissociável das instituições que a tornam possível.

O texto escrito se materializa como objeto livro por meio de uma editora, depois é distribuído, lido comentado, criticado, recomendado. Enfim, circula na sociedade.

Ao situarmos de modo crítico Rodolfo Teófilo ao seu *contexto literário*, segundo Maingueneau, evidenciamos a “*maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época*”.

A tradição literária e o seu *contexto* podem condicionar os comportamentos, mas para a criação literária, o escritor explora esses condicionamentos e interfere nele. Maingueneau esclarece que a obra não está completamente fora do *contexto bio/gráfico*, porém, não é o seu reflexo. A obra literária faz parte da vida do escritor e “*o que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união*”.

Então, a *bio/grafia* de Rodolfo Teófilo que percorreremos e que nos interessa constrói-se no sentido da sua vida rumo à grafia e da grafia em tensão com sua vida. Situado no contexto literário da cidade de Fortaleza como um escritor-leitor, será ressaltado as leituras que formaram a sua cosmovisão científica, assim como a construção de seu estilo naturalista-regionalista.

Nascimento na Bahia

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu no dia 6 de maio de 1853, filho de Marcos José Teófilo (1821-1864) e de Dona Antônia Josefina Sarmento Teófilo (1832-1857), na Bahia, pois seu pai, famoso médico sanitarista, não achava o Ceará seguro devido à epidemia de febre amarela que ocorria na respectiva época. Perde o pai em 1864, vítima de beribéri e, no ano seguinte, sob a tutela do padrinho, o comerciante José Antônio da Costa e Silva (1792-1866), inicia os estudos como aluno interno do colégio Ateneu Cearense.

Num texto memorialístico publicado no *Almanaque do Ceará*, em 1922, Rodolfo Teófilo escreve sobre seu período no Ateneu Cearense:

“Há cerca de sessenta anos, fundou-se em Fortaleza o primeiro colégio de ensino primeiro e secundário, na Praça da Feira Nova, hoje Praça do Ferreira, em uma das esquinas do lado do sul, na rua Floriano Peixoto. Era seu diretor, um cearense, o Sr. João de Araújo Costa Mendes, que passara alguns anos na Bahia, como professor do colégio Abílio, cultivando suas qualidades inatas de pedagogo para depois aproveitá-las em sua terra, tão carecida de estabelecimentos de instrução.”

Teófilo foi colega de turma de futuros intelectuais que contribuíram de maneira significativa para o pensamento brasileiro como o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927), o escritor Domingos Olímpio (1851-1906), o poeta e jornalista Paula Ney (1858-1937) e outros.

Entre o comércio e os estudos

No Ateneu, além das próprias disciplinas que cursava, foi monitor dos alunos mais novos, porém com esse grande volume de atividades, Teófilo não conseguiu acompanhar o ritmo e foi reprovado no terceiro ano.

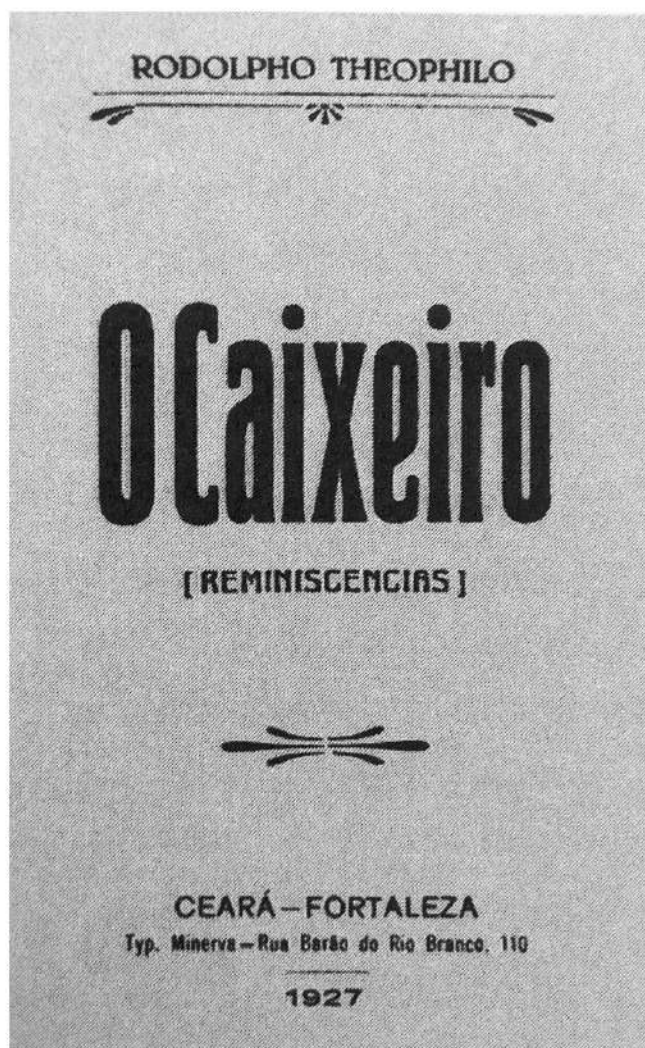
Com a responsabilidade de ser o mais velho de seis irmãos, para auxiliar no sustento da família, passou a trabalhar como caixeiro-vassoura na casa comercial Albano & Irmão, que pertencia a José Francisco da Silva Albano (futuro Barão de Aratanha).

No livro *O caixeiro* (1927), Rodolfo Teófilo nos declara que esteve seis anos no comércio:

“A esse tempo eu era encarregado das compras do algodão na praia. O Ceará inteiro estava coberto por um imenso algodoal por causa do elevado preço devido à guerra da Secessão. [...] Os fardos de algodão eram pesados ao tempo à beira-mar. A balança suspensa a uma tripeça de madeira, o caixeiro ao lado com um caneco de tinta e um pincel examinava o peso da saca de lã que fazia o trabalhador e o escrevia na testa do fardo. A claridade era tão intensa que para não me encadear usava óculos pretos [...] Os armazéns estavam cheios e a praia coalhada de fardos. A produção havia sido de 6.507.540 quilogramas. Assim mesmo sem porto, pior do que hoje, todo esse algodão embarcou para a Europa, pois as fábricas brasileiras de tecido ainda não existiam.”

A profissão que ele exerceu (a de caixeiro) é um rico indicativo do contexto econômico de Fortaleza desse período, o qual correspondeu ao auge da exportação da produção algodoeira para o mercado estrangeiro, durante as décadas de 1860-1870. O aumento do fluxo comercial e do contato com outros estados brasileiros, incluindo também outros países, foi o fator gerador do desenvolvimento econômico da capital cearense, que permitiu à cidade passar por inúmeras transformações materiais através de uma série de reformas urbanas e sociais.

Ocorreram melhorias significativas no porto da capital, juntamente com a construção da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1867). Essas obras foram prioritárias, pois eram os meios utilizados para escoar a produção algodoeira. A partir de 1866, o porto de Fortaleza começou a receber navios do Rio de Janeiro e da Europa.



Fac-símile da capa de *O caixeiro*, 1927.

Segundo o historiador Raimundo Girão, no livro *Geografia Estética de Fortaleza* (1979) “o comércio direto com Lisboa e depois com outras praças da Europa seria a grande mola de animação da vida da Cidade”.

Fortaleza era uma cidade provinciana que, aos poucos, com a ampliação do comércio, se desenvolveu material e demograficamente. Em 1863, contava com pouco mais de 16 mil habitantes, e, em 1890, esse número foi elevado para 40 mil. O centro econômico passou a ser a Praça do Ferreira, repleta de lojas, cafés, restaurantes e armazéns.

Com a cidade tornando o seu espaço urbano mais complexo, teríamos o início de um fenômeno que o crítico e historiador literário Antonio Cândido, na obra *A formação da literatura brasileira* (1959) denomina de sistema literário, que é a presença ativa de escritores que escrevem e publicam seus textos literários que, por sua vez, circulam e são lidos por leitores dessa mesma comunidade. Nesta época, já existia um modesto mercado livreiro, com exportações de livros via navio, circulação de revistas e jornais das grandes metrópoles do Brasil e da Europa, além da abertura de mais estabelecimentos de ensino e a multiplicação de agremiações literárias.

Os navios que chegavam da França ou da Inglaterra não traziam somente relógios, vestidos, mobílias, chapéus, perfumes. Eles traziam também objetos valiosos e revolucionários, conforme cita o historiador Almir Leal de Oliveira:

“Certamente, dentre outros gêneros, podemos destacar os livros, revistas e jornais, e podemos imaginar, entre os transeuntes na beira do porto, Joaquim José de Oliveira e seus funcionários identificando, dentre os caixotes recém-desembarcados, aqueles que traziam as encomendas de seus clientes: a última edição da *Revue de Deux Mondes*, que aqui era lida desde os anos de 1840 por Tomás Pompeu, futuro senador do império, os jornais do Rio de Janeiro etc. Pelos malotes do correio marítimo que eram desembarcados na Alfândega da cidade chegavam os livros de Taine, Spencer, Darwin, Burckle e outros*.

Portanto, percebemos que Fortaleza era suprida semanalmente e quinzenalmente de variados livros e periódicos vindos diretamente da Europa. Muitas das ideias que faziam a cabeça dos intelectuais cearenses chegaram via navios. Contudo, vemos que o consumo desses bens simbólicos apenas agregava *capital cultural* para poucos indivíduos privilegiados como, no exemplo, o político Tomás Pompeu que lia as obras de Herbert Spencer e Hippolyte Taine.

Os livros importados traziam as novas tendências da filosofia e da literatura da Europa, principalmente as ideias ditas modernas, frutos do Iluminismo e do Enciclopedismo do século XVIII.

O pesquisador Afrânio Coutinho, na obra *Introdução à Literatura no Brasil* (2001), denominou os pensadores e escritores que se formaram e atuaram nesse contexto da década de 1860 e 70, tanto na Europa, quanto nas Américas, de ‘geração materialista’:

“De modo geral, 1870 marca no mundo uma revolução nas ideias e na vida, que levou os homens para o interesse e a devoção pelas coisas materiais. Uma geração apossou-se da direção do mundo, possuída daquela fé especial nas coisas materiais [...] A revolução ocorreu primeiro no espírito e no pensamento dos homens e daí passou à sua vida, ao seu mundo e aos seus valores. Intelectualmente, a elite apaixonou-se do darwinismo e da ideia da evolução, herança do romantismo e, de filosofia, o darwinismo tornou-se quase uma religião; o liberalismo cresceu e deu frutos, nos planos político e econômico; o mundo e o pensamento mecanizaram-se, a religião tradicional recebeu um feroz assalto do livrepensamento.”

Em Fortaleza, começou a se desenvolver uma geração de intelectuais que produziam textos literários, artigos científicos, políticos e filosóficos, eram lidos e discutidos na capital cearense e no Brasil.

Enquanto isso, Rodolfo Teófilo não foi apenas uma testemunha privilegiada dessa modernização material e cultural que ocorreu na cidade, mas um sujeito ativo e consciente.

*OLIVEIRA, Almir Leal de. O universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (org). *Intelectuais*. Coleção Fortaleza: *História e cotidiano*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 17.

O seu patrão era um poderoso exportador de algodão, não muito diferente dos outros comerciantes da época, e tratava Teófilo e outros caixeiros autoritariamente, como um “criado de servir”. O serviço de caixeiro-vassora era estafante: iniciava com o nascer do sol e se extinguia com o crepúsculo. Os caixeiros eram responsáveis pelo transporte, contagem, descarregamento e venda de enormes fardos de algodão. Diante das dificuldades, com o gênio altivo e pensando no seu futuro e no de sua família, ele declara: *“compreendi que só o livro me podia libertar. Devia estudar; mas como? Os dias eram do patrão, só dispunha eu das noites”* (1927).

Nessa época, existia um colégio na Praça dos Voluntários, cujos diretores eram os professores Arcelino de Queirós e Praxedes. Rodolfo procurou-os e contou-lhes a sua condição e o desejo de voltar aos estudos. Os professores decidiram ajudá-lo, dando-lhe aulas à noite.

Rodolfo descreve o seu cotidiano, enquanto trabalhava e estudava:

“A vida agora era mais cansada. Passava o dia na praia exposto ao sol, no serviço de algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às 9 horas da noite das aulas e recolhiame ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que as florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumiado por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que durava a luz. Extinta, deitava-me e adormecia pesadamente” (1927).



Cartão Postal da Rua Formosa, 1909 (Atual Barão do Rio Branco).

O depoimento de Rodolfo Teófilo revela o grande esforço para ultrapassar sua árdua condição material. Depois de trabalhar o dia inteiro, ia ter aulas com os professores particulares. Ao fim da noite, ao voltar, no seu quartinho nos fundos da loja, ambiente insalubre, ainda estudava até a vela se apagar. Não foi somente o jovem caixeiro que percebeu que os estudos eram um instrumento de ascensão social e intelectual. Outros jovens trabalhadores do comércio também tinham esse afã de cursar uma faculdade e adquirir um diploma de ‘doutor’.

Faculdade de Farmácia na Bahia e as ideias modernas

Então, aos 18 anos, após muito estudar e acumular alguns recursos mediante uma pequena fábrica de tinta, o jovem estudante é liberado pelo patrão e parte para o Recife para fazer as provas preparatórias para os cursos da Faculdade de Medicina da Bahia. Ele tinha o sonho de seguir a carreira do pai, porém decide cursar Farmácia, pois o curso de Medicina era longo e caro. Era final do ano de 1872, Rodolfo Teófilo passa com facilidade nas provas e, no ano seguinte, ingressa no curso de Farmácia, que é agregado à Faculdade de Medicina da Bahia. Ele passa a morar numa república de estudantes e tem o curso financiado pelo governo. No segundo ano, a sua bolsa é misteriosamente cortada.

Coincidentemente, enquanto ocorreu esse problema, surgem no hospital Militar de Salvador duas vagas para alunos pensionistas. Rodolfo passa na primeira colocação. Assim, ele consegue concluir o seu curso sem nenhum transtorno.

Foi durante os quatro anos na Faculdade de Farmácia que Rodolfo Teófilo entrou em contato com as ideias modernas oriundas da Europa. A Faculdade de Medicina da Bahia, assim como a Faculdade de Direito de Recife, contribuiu para a renovação filosófica no Brasil. Em Salvador, assim como em Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, era comum a intensa circulação, por meio de livros e jornais, de ideias europeias como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo e o liberalismo. O conjunto dessas ideias impulsionaram as transformações do pensamento para instaurar no Brasil novas atitudes estéticas: o Realismo e o Naturalismo.

O clima de apego às ciências encontrou respaldo na filosofia positivista de Augusto Comte, a partir da década de 1870. O positivismo tentou repelir a explicação religiosa, exaltando a ciência natural como grande modelo para a construção da ciência social. Segundo o pesquisador Afrânio Coutinho “os estudos sociológicos, dirigidos pelo positivismo, orientaram-se para a coleta de fatos, sintetizando-os e formulando leis e tendências para explicar a conduta e evolução da sociedade humana” (2001).

Outro filósofo que contribuiu para a visão de mundo materialista foi Herbert Spencer que interpretava a sociedade como um organismo vivo em constante evolução. A luta pela sobrevivência ocasionava um constante antagonismo entre forças sociais. Esse princípio evolucionista foi introduzido nos estudos históricos e sociais e perdurou até as primeiras décadas do século XX.

Outra teoria que influenciou fortemente Rodolfo Teófilo foi a seleção natural, com a publicação do livro *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859. Darwin introduziu na Biologia a perspectiva de que as populações evoluem ao longo de gerações, através de um processo conhecido como seleção natural, além da ideia de que a evolução das espécies é determinada pela luta pela sobrevivência.

No intervalo de tempo em que Rodolfo Teófilo esteve na Bahia, houve o surgimento da Academia Francesa (1873–1875), agremiação constituída por Rocha Lima (1855-1879), Araripe Júnior (1848-1911), Tomás Pompeu (1852-1929), Capistrano de Abreu (1853-1927), João Lopes (1854-1928) e Xilderico de Farias (1851-1876). Os membros organizavam reuniões que liam, divulgavam e discutiam as recentes novidades do pensamento moderno, tais como o positivismo, evolucionismo, determinismo, etc. Essa era uma prática comum entre os intelectuais da época: a formação de grupos com a finalidade de discutir temas de caráter político, literário e filosófico. Esse modelo de agremiação iria influenciar o surgimento de outros grupos em Fortaleza, como o Clube Literário, a Padaria Espiritual, o Centro Literário, a Academia Cearense.

No início do de 1876, volta formado como farmacêutico e instala uma pequena farmácia na cidade de Pacatuba, terra natal de seu pai. No ano seguinte, com o início da grande seca, transferiu sua farmácia para Fortaleza, na antiga Rua da Palma, hoje Major Facundo.



Rodolfo Teófilo aos quarenta anos

Diferente da época em que era um simples caixeiro, agora Rodolfo era 'doutor'. O diploma (materialização do *capital cultural*) lhe garantiu uma forma de ascensão social e apesar do seu jeito reservado, foi um intelectual engajado na sociedade cearense, que tinha a crença na transformação da realidade. Isso ocorreu por meio da aliança de seu espírito combativo e sedento de justiça com as leituras racionalistas e científicas que fizera. Enfim, longe de ser um inútil, ele foi um homem de ação, e seu primeiro grande desafio como farmacêutico e intelectual foi a grande seca de 1877.

CAPITAL CULTURAL

É o conjunto de recursos culturais, conhecimentos, habilidades e valores disponíveis para um indivíduo oriundos de seu pertencimento a um meio familiar e sociocultural. Este conceito foi introduzido pelos sociólogos Pierre Bourdieu (1930-2002) e Jean-Claude Passeron (1930) na obra *Reprodução: elementos para uma teoria do sistema educacional* (1970). Produzido pelo ambiente familiar e pelo sistema escolar, o capital cultural pode se acumular ao longo do tempo e ser transmitido de geração em geração, similar ao capital econômico. Pierre Bourdieu indica que ele é "objetivado", ou seja, apresentado na forma de objetos. A forma de capital cultural mais referida é o diploma, validado por uma instituição de ensino, que traz legitimidade a quem o detém. O capital cultural pode ser composto por muitos outros elementos como a posse de bens culturais (livros, pinturas, esculturas, instrumentos musicais), mas também pode advir do domínio de um certo nível de vocabulário, da frequência a espaços culturais (galerias, museus, teatros), do contato com outras pessoas, etc. Então, é "incorporado", anexado ao corpo do indivíduo, fazendo parte dele como disposições aprendidas durante o processo de socialização e que se concretizam pelo consumo de bens culturais.



Crianças durante a seca, 1877.

A GRANDE SECA DE 1877

Um evento que marcou Rodolfo Teófilo e o povo cearense foi a grande estiagem que iniciou em 1877 e perdurou até 1879 e que secou açudes e rios, destruiu plantações, reduzindo a vegetação do semiárido cearense a um estado quase desértico. Assolada pela fome, pela peste e pela falta de recursos, milhares de sertanejos migram maciçamente para capital Fortaleza. Nesse período, o jovem farmacêutico testemunhou o terrível estado de miséria a que as pessoas ficaram reduzidas e as centenas de mortes devido à epidemia de varíola.

As secas moldam o Nordeste do Brasil há séculos, mas a Grande Seca, como Teófilo a denominou, se destacou, deixando marcas indelévelas. A seca hidrológica ocorre quando os sistemas de armazenamento de água naturais (riachos, lagos e aquíferos) e artificiais (reservatórios, poços e canais) carecem de suprimentos acessíveis para sustentar as plantações. Não apenas foi mais longo e seco do que a maioria, mas também veio em um momento de profunda transformação demográfica e econômica no Brasil. Isso aumentou seu número de mortos e suas consequências para a história humana e ambiental do Brasil.

A grande seca não afetou só o Brasil, ela teve uma amplitude planetária: países como Java, Filipinas, Nova Caledônia, Coreia e África do Sul foram afetados.

Segundo o historiador norte-americano Mike Davis, em *Holocaustos Coloniais: clima, fome e imperialismo* (2002), houve mais de 30 milhões de mortos em todo o mundo por fome e doenças. Ele interpreta que o fenômeno climático do *El Niño* é o responsável pelas secas que assolaram regiões do nordeste brasileiro, Índia, China e norte da África, no fim do século XIX, contribuindo para o alastramento da pobreza e formação do 'terceiro mundo' nesses locais.

Em 1877, o *El Niño* aqueceu as águas do Oceano Pacífico equatorial, mudando a circulação atmosférica de modo que trouxe extrema escassez de chuvas para o Brasil. O Ceará foi o estado que mais sofreu e, à medida que as perdas de gado e safras acabaram com os suprimentos de alimentos, o número de mortos no estado aumentou. Além das centenas de milhares de mortes, a seca também provocou uma migração interna maciça. Muitos cearenses migraram para o Amazonas e o Pará para trabalhar na extração da borracha, vistos como um suprimento inestimável de mão de obra barata. Até 1900, o Brasil exportou mais borracha do que qualquer outro produto, exceto café. *El Niño*, portanto, moldou a história do Brasil.

Durante a seca de 1877, milhares de pessoas fugiram de suas casas, suas terras para buscarem refúgio na Capital.

Era comum famílias esfarrapadas e esfomeadas, aglomeradas nas ruas e praças, que passavam de casa em casa, pedindo comida, água, roupas. No interior, eram constantes os roubos e saques aos armazéns do governo. Pessoas desoladas, doentes, sem recursos e sem amparo, desumanizadas e tratadas como mera massa de pedintes.

Farmacêutico em ação

Sobre a terrível seca, escreveu Rodolfo Teófilo, em *Variola e vacinação no Ceará* (1904):

“A França perdeu vitimados pela bexiga, de um exército de 1 milhão de homens, 23 mil soldados, e a capital do Ceará perdeu, em pouco mais de dois meses, de uma população de pouco mais de 100 mil almas, 27.378 vidas. O mês de dezembro se acabou registrando no obituário a assombrosa cifra de 15.352 falecimentos; 14.491 de variola e 861 de outras moléstias.”

Inconformado com a aterradora situação, percorreu toda a cidade vacinando e cuidando dos doentes, a maioria, pobres desassistidos pelo poder público. Essa não foi a primeira estiagem que presenciara, pois, foi *“testemunha ocular de todas as secas que tem havido no Ceará, nesses últimos cinquenta anos”* (1904).

De acordo com o pesquisador José Ramos Tinhorão, no livro *A província e o naturalismo* (1966), *“a contemplação desses horrores teve para ele uma dupla influência: criou-o escritor e despertou-lhe a ideia de combater a variola, cujas devastações transformaram Fortaleza num círculo dantesco.”*

Após a atenuação da seca, Rodolfo Teófilo, no começo da década de 1880, *“engajou-se decisivamente nas lutas políticas, nos movimentos antiescravagistas. Não era do seu temperamento presenciar acontecimentos e, sim, deles participar, desencadeá-los. Comandou em Pacatuba, Maranguape e Maracanaú, a luta pela libertação dos negros”*, explica o seu biógrafo Waldy Sombra.

Teófilo escreveu vários textos para o jornal abolicionista *O libertador*, atuando ao lado de José Liberato Barroso, General Tibúrcio, Justiniano de Serpa, Álvaro Gurgel de Alencar, Frederico Borges.

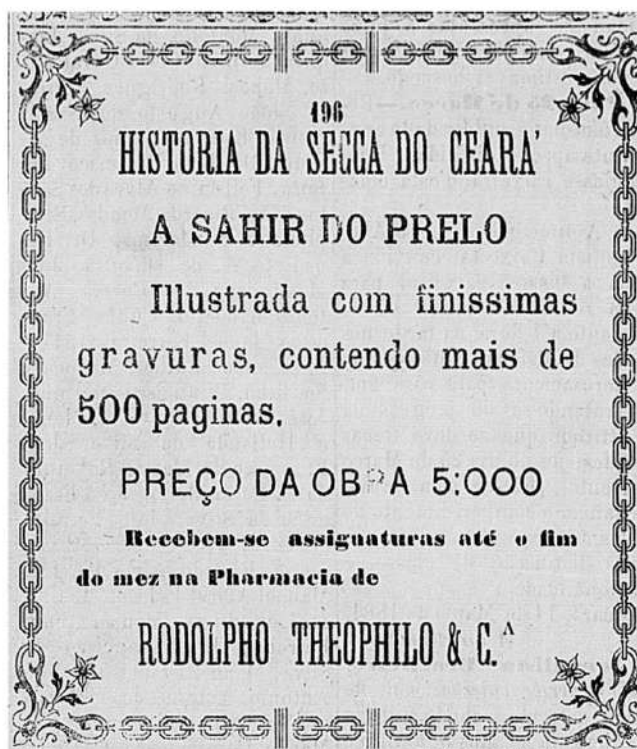
Duas associações se destacaram nesse período: a *Sociedade Cearense Libertadora* e o *Centro Abolicionista*.

Waldy Sombra, na biografia sobre Rodolfo Teófilo, publica uma carta de 7 de maio de 1919, endereçada a sobrinha Julinha Galeno de Sant'Ana, em que, ao relatar a sua atuação na campanha abolicionista, enfatiza que:

*“não fui um general, apenas um simples soldado. Só entrei em um combate, em Pacatuba, contra o baluarte do Centro da Legalidade. Foi uma loucura. Um mês de luta. Eu e minha mulher, tão abolicionista quanto eu, fomos para Pacatuba, abandonando nossos interesses em Fortaleza, e ali ficamos até a vitória. O que foi esta renhida peleja está escrito no meu livro a publicar *Abolição no Ceará*.”*

No trecho, observamos que ele se compara a um soldado que estava em uma guerra. A comparação realmente é literal, a campanha foi uma batalha política e social. Sobre os serviços prestados como farmacêutico e humanitarista, recebe a comenda do Oficialato da Rosa a mando do imperador Pedro II.

O jornal *O libertador*, órgão da Sociedade Cearense Libertadora, foi um dos principais veículos da Campanha Abolicionista no Ceará, e após o fim do trabalho cativo no estado, continuou ativo até o ano de 1892.



Anúncio do livro *A História da seca no Ceará*, 1884.

Em 1884, o jornal *Libertador* (14/03/1884) trouxe o anúncio da publicação de:

"História da Seca do Ceará, a sair do prelo, ilustrado com finíssimas gravuras, contendo mais de 500 páginas". Para adquirir a obra, o comprador retiraria de sua algibeira a quantia de \$5000 réis e teria que se apressar porque as assinaturas seriam recebidas somente "até o final do mês na Farmácia de Rodolpho Teófilo & Cia."

Um mês depois, outro anúncio é veiculado pelo mesmo periódico:

"Descrição completa do terrível flagelo da seca com todos os seus horrores, assassinatos, roubos, salteadores, pestes, crimes, fatos horrendos de antropofagia, mortes pela fome, vítimas de morcegos, crianças devoradas vivas por urubus, enfim, uma narrativa completa e minuciosa dos fatos que se deram durante três longos anos de calamidade. As gravuras representam retirantes, verdadeiros esqueletos animados no estado de inanição em que chegaram à capital."

O texto acima, com uma sinopse bastante chamativa para os fatos mais horrendos e extraordinários que ocorreram durante o flagelo. O livro promete ser um relato apegado à verdade, pois é 'minucioso' e 'completo', sobretudo, nas descrições das cenas fortes, com o intuito de chocar os leitores em prol da conscientização.



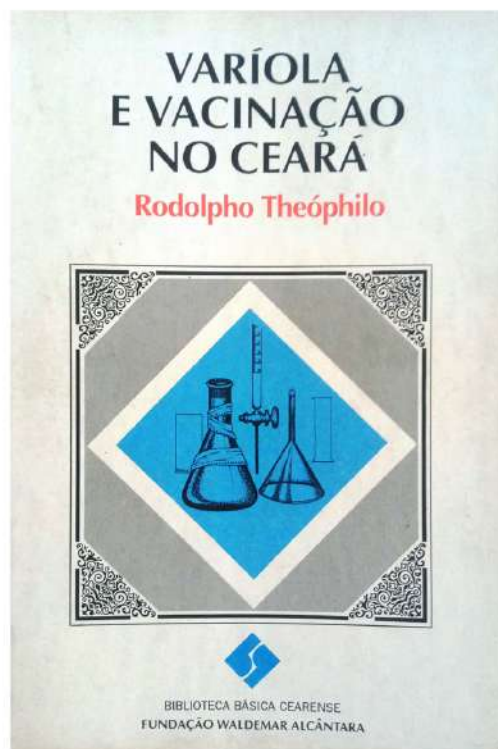
Capa 1ª da Edição de *História da Seca do Ceará- 1877 a 1880*.

O livro representa a estreia do Rodolfo Teófilo como historiador e cientista das secas e serve como porta de entrada no concorrido e restrito campo do saber da província cearense. É evidente que o livro é polêmico, pois narra diversas secas na história cearense, porém denuncia que a maior parte da catástrofe de morte e miséria que assolou o sertão e a capital foi oriunda do descaso e do despreparo do poder público.

Com a repercussão de seu livro, ganhou visibilidade e adentrou, não apenas no Ceará (que já estava se consolidando com a campanha abolicionista), mas no campo intelectual nacional. Destacou-se como um cientista e historiador das secas e o início de sua consagração intelectual deu-se quando foi convidado a ser sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a maior instituição científica do Brasil naquele período.



Campo de Concentração no Pirambu, Fortaleza, 1932. Foto pelo médico José Bonifácio Paranhos Costa. Arquivo Nacional. Os campos de concentração para alojar os retirantes, segregando-os da zona urbana, foram práticas recorrentes entre os governantes, inclusive em 1877.



Capa da Edição Fac-similar de *Variola e Vacinação no Ceará*, pela Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

VARIOLA E VACINAÇÃO NO CEARÁ

Em 1889, após participar da Campanha Abolicionista e de fazer parte do Clube Literário, ingressa na Escola Normal como professor de ciências naturais. Em 1890, passa a integrar o corpo docente do Liceu, nas disciplinas de Mineralogia, Geografia e Meteorologia. Nesse mesmo ano, publica o seu primeiro romance *A fome* e, em 1894, é convidado por Antônio Sales a ingressar na Padaria Espiritual. Após o fim da agremiação, Teófilo continuou a conciliar suas atuações como sanitarista, farmacêutico, industrial, professor e literato.

Neste contexto político, surge no Ceará a chamada Oligarquia Accioly (1896- 1912), que foi o grupo político liderado pelo comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly (1840-1921), que dominou o cenário político cearense de forma autoritária, despótica e corrupta. O governador cearense tinha um poderoso aliado político, o gaúcho Pinheiro Machado (1851-1915), apelidado de o “oligarca dos oligarcas.”

O desentendimento de Rodolfo Teófilo com esse grupo político iniciou-se entre os anos de 1898 e 1900. Neste período, o Ceará foi castigado por uma seca lastimável e por trágicos surtos de variola. O governo, simplesmente, estava omissivo em relação à assistência dos miseráveis da seca, mesmo recebendo verba da União.

Segundo Teófilo

“Basta dizer que a variola é a companheira inseparável das secas e estas são por sua vez o mal congênito da terra cearense. Das epidemias de bexigas que reinaram em 1825 e 1845 nada sabemos, por miúdo, porque nada ficou escrito; mas da terrível peste de 1878, posso falar como testemunha de vista. Na história de tais epidemias encontra-se grandes devastações, mas nenhuma igual à do Ceará em 1878. A população de Fortaleza podia-se calcular em 130 mil pessoas, das quais 110 mil eram retirantes, que acossados pela seca, para escapar à fome haviam-se refugiado na capital da província. Dessa grande massa de famintos noventa e cinco por cento não eram vacinados” (1904).

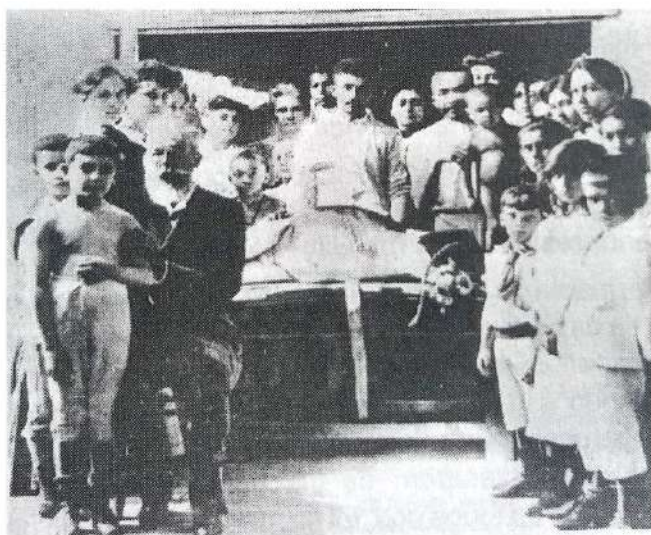
Ou seja, a fome oriunda da seca tem sinergia com as doenças de dois modos diferentes, embora se reforcem mutuamente. A desnutrição e a supressão do sistema imunológico aumentam a suscetibilidade, enquanto ambientes congestionados e insalubres, como campos de concentração e os alojamentos dos retirantes aumentam a exposição e a transmissão de doenças.

Era necessário tomar atitudes, não apenas para tratar os doentes, mas para prevenir. Nesse sentido, Teófilo deixa bastante explícito o propósito de sua missão, diante de uma nova leva de retirantes na capital e a multiplicação de doentes de varíola

“Convencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar a União ao cumprimento de seus deveres, e não querendo ser um inativo diante dos sofrimentos de meus infelizes patrícios, tive a ideia, de regressar ao Ceará, levar-lhes um alívio a seus males, a vacina antivariólica. Sabia que a epidemia de bexiga, em Fortaleza aumentava, e para embarga-lhe, a marcha o governo não dispunha de meios” (1904).

Como um intelectual engajado, ou seja, pragmático, demonstra o desejo de não ser um inativo, pois tomou o exemplo o seu pai, Marcos Teófilo, famoso médico sanitário que percorria o interior do Ceará, combatendo epidemias. O que o fazia ser um intelectual diferenciado era o fato de ter formação em farmácia e estar atualizado com as novidades científicas.

Rodolfo Teófilo, ao observar estarecido este tamanho descaso público, toma, por conta própria, uma decisão inédita na história da medicina no Ceará: resolve fabricar, com recursos próprios, e a aplicar as vacinas, sozinho, na população fortalezense, em domicílio e gratuitamente entre 1900 e 1904, segundo ressalta o historiador Sebastião Rogério Ponte, na obra Fortaleza: *Belle Époque* (1993).



Rodolfo Teófilo em uma sessão de vacinação em sua residência, na rua Visconde de Cauípe. No centro um vitelo do qual era extraída a linfa. Enquanto pessoas aguardam a vacinação, atrás de Teófilo suas irmãs, Florisbela e Júlia Sarmento.

Ele participou de treinamento no instituto vacinogênico em Salvador e, divergindo da unânime opinião dos cientistas brasileiros e estrangeiros que achavam impossível a fabricação da vacina numa zona de clima quente, no início de 1901, consegue produzir a linfa vacínica. Coloca um anúncio no jornal, informando a todos que a vacinação estava disponível na sua residência no Boulevard Visconde do Cauípe nº 563 (atual Av. da Universidade, Fortaleza).

A produção da vacina começou no início de 1901 e, até 1905, ele tinha extinguido a doença na cidade de Fortaleza. Os trabalhos da vacinação abrangeram as cidades do interior, onde médicos, farmacêuticos, voluntários recebiam as vacinas e imunizavam os moradores de cada vilarejo ou cidade. Denominada de “Liga cearense contra a varíola”, os agentes foram organizados por ele para o combate da peste. O trabalho foi bastante organizado e incessante, além da solicitação do número de pessoas vacinadas para servir de base estatística, a ser enviada ao Governo, demonstrando assim a eficácia da vacinação.

Ao conseguir fabricar a vacina em sua residência, transforma-a em um vacinogênico. Contudo, mesmo conseguindo uma boa adesão de pessoas, sabia que o maior índice de empesteados ficava nos bairros periféricos da cidade.

“Na segunda quinzena de julho vacinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da varíola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a varíola na capital do Ceará. Assim me decidi a estabelecer um serviço de vacinação domiciliária. Tinha livres as manhãs e portanto bem podia entregar-me a este trabalho. Algum sacrifício pecuniário mais com a aquisição e sustento de um cavalo, pois a pé seria impossível andar por aquelas areias movediças e quentes, e pensei resolvido o problema da vacinação nos domicílios” (sic) (1904).

Mas, até atingir essa meta, ele percorre sozinho as periferias da capital, vacinando a população menos abastada. Todos os dias, com muita dificuldade, levou a sua vacina a todos os arredores da cidade, até vacinar praticamente toda a população de Fortaleza.

Quem não gostou deste ato heroico foi o governo accyolino. O governador não enxergava na atitude de Rodolfo Teófilo apenas um ato sanitarista, mas político. Ele via a vacinação como uma tentativa de desmoralizá-lo. Então Accioly, utilizando o poder público e o apoio da imprensa situacionista, efetuou uma poderosa perseguição, a fim de deslegitimar a imagem de Teófilo. Na imprensa local, principalmente pelas páginas do jornal *A república* (11/03/1905), era publicada a seguinte matéria:

“A uma meningite, sucumbia hoje nesta capital uma interessante criança, pertencente à distinta família cearense, chegada ultimamente do Maranhão. Estamos informados que a inditosa criança fora a poucos dias vacinada pelo Sr. Rodolfo Teófilo, e se achava ainda em período de plena erupção vacínica, o que dá lugar a bemfundadas suspeitas”.

Como meio de expor suas ideias e defender a integridade e a eficácia da sua vacina, Rodolfo Teófilo escreve matérias no oposicionista *Jornal do Ceará*, em 15 de abril de 1905:

“Estou habituado a ouvir os maiores impropérios da gente da folha oficial e não lhe dou resposta. Pelo contrário, rogo a Deus que lhe dê mais manjedouras na cocheira do Estado, onde bem alimentados, tenham força e vigor para mais me descomprem.”

Em outros jornais e pasquins, todos os dias, surgiam mais calúnias contra o referido farmacêutico, por parte do Dr. Meton de Alencar, médico membro da oligarquia Accioly:



Instituto Vacinogênico Rodolfo Teófilo, 1930.

“Dentre as três causas prováveis da morte de uma criancinha, não exclui a vacinação feita por Rodolfo Teófilo: a falta de cuidado no emprego da linfa vacínica, sem profilaxia alguma, não lavando sequer a pele suja do paciente, nem desinfectando a lanceta; casos de erisipela e outras complicações, dada a maneira descuidada da aplicação da vacina; falta de técnica científica na inoculação dos vitelos...”

Eram frequentes os textos de teor pornográficos e chulos que eram atribuídos a Rodolfo Teófilo. O autor d'*A fome* utilizou a palavra como arma de defesa. Ele publica diversos artigos nos jornais, denunciando os crimes e os desmandos da Oligarquia Accioly.



Rodolfo Teófilo vacinando no Morro do Moinho, periferia de Fortaleza, 1907. Foto reproduzida no livro de Meton de Alencar: *Sr. Rodolfo Teófilo e sua obra literária*, 1923.

No ano de 1904, ele publica *Variola e vacinação do Ceará*, em que é descrita minuciosamente a negligência do governo perante a população empesteada e a sua luta em fabricar e distribuir a vacina. Este livro veio como uma bomba. A retaliação veio arbitrariamente com a demissão de Teófilo do Liceu do Ceará, pois era professor das cátedras de Mineralogia, Geografia e Meteorologia. Para protestar contra esse ato despótico, o referido autor publica o livro *Violência* (1905).

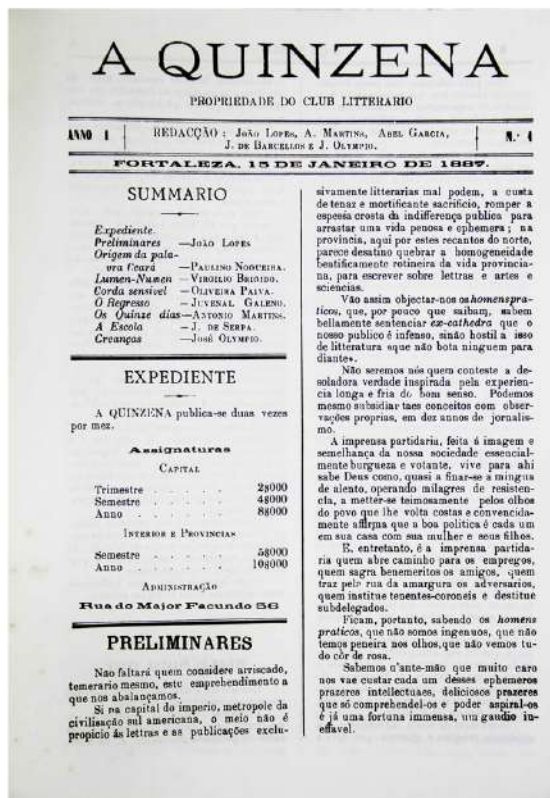
O triunfo da campanha antivariólica é o triunfo de Rodolfo Teófilo, farmacêutico e sanitarista. Enfim, no final de seu livro, ele nos fala com satisfação o seu objetivo alcançado

“A variola estava completamente extinta em Fortaleza. Eu continuava a vacinar pelos subúrbios e havia tempos nem mais um bexigoso encontrava. Era mais um triunfo que obtinha a vacina animal.”



“Na segunda quinzena de julho vacinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da varíola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a varíola na capital do Ceará. Assim me decidi a estabelecer um serviço de vacinação domiciliária. Tinha livres as manhãs e, portanto, bem podia entregar-me a este trabalho. Algum sacrifício pecuniário mais com a aquisição e sustento de um cavalo, pois a pé seria impossível andar por aquelas areias movediças e quentes, e pensei resolvido o problema da vacinação nos domicílios”.

Rodolfo Teófilo, *Varíola e vacinação no Ceará* (1904).



Fac-símile da edição 1ª da Revista A Quinzena, 1887.

CLUBE LITERÁRIO E O NATURALISMO NO CEARÁ

O desenvolvimento material e cultural de Fortaleza acarretou a ampliação da vida literária, entre o final do século XIX e o início do XX. A febre das associações era tão grande que Leonardo Mota, em seu livro sobre a Padaria Espiritual (1938), arrolou, em ordem cronológica, 37 sociedades intelectuais que surgiram entre os anos de 1870 e 1900, no Ceará.

Era uma prática comum entre os intelectuais da época: a formação de grupos, com a finalidade de discutir temas de caráter político, literário e filosófico. O cotidiano desses homens era pautado por atividades ligadas às letras: compra de livros e jornais, leituras, escritas, comentários, debates.

A Academia Francesa foi a primeira associação literária e filosófica a introduzir no Ceará as ideias positivistas e cientificistas durante a década de 1870. Ela serviu de modelo de sociabilidade literária para futuras agremiações do estado cearense. No entanto, só houve uma inserção mais drástica das modernas ideias artísticas no campo literário de Fortaleza com o Clube Literário, na década seguinte.

Como farmacêutico, sanitarista e autor de uma obra historiográfica, Rodolfo Teófilo já dispunha de qualificações que lhe permitiram circular no campo intelectual de Fortaleza. Com a cabeça fervilhando de ideias liberais e pragmáticas, aproxima-se dos homens do movimento abolicionista.

Os intelectuais e o movimento abolicionista

A Abolição foi resultado da ação de variados grupos esforçados para o fim do tráfico negreiro. O Ceará não tinha um número tão grande de escravos negros quanto Pernambuco e Bahia, pois as bases da economia no estado eram a pecuária e o algodão, que não demandavam essa mão de obra em larga escala. Depois da grande seca de 1877, a venda dos escravos para o sudeste do país tornou-se um mercado bastante lucrativo.

A penetração das ideias abolicionistas começou a ganhar prumo com o desenvolvimento comercial no Ceará, principalmente, com a dinamização da classe média e o seu interesse na modernização da região.

CAMPO LITERÁRIO



Pierre Bourdieu, 1992. Fonte: wikipedia.

A categoria campo é central na teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), desenvolvida rigorosamente, a partir da década de 1960, para refletir sobre a ação dos indivíduos a um nível intermediário, em esferas sociais diferenciadas que possuem suas próprias regras e interesses específicos. Serviu como método de pesquisa e deu origem a numerosos trabalhos nas áreas da política, economia, filosofia, literatura, comunicação e educação. Campo é uma metáfora oriunda da física e utilizada pelo pesquisador para pensar a problemática das representações simbólicas em diversas esferas da sociedade. Como conceito da física, denota as relações entre os elementos de um espaço, concebido como um campo de força, de acordo com o princípio da atração-repulsão. Na obra *Os usos sociais da ciência* (2004), Bourdieu explica que “campo é um universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, se produzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece às leis sociais ou menos específicas”. Ou seja, o campo é uma espécie de microcosmo no interior do macrocosmo composto pelo espaço social global. Assim como um campo gravitacional, o campo não é estável, é altamente dinâmico. É um espaço de lutas entre diferentes agentes que ocupam diversas posições. Para Bourdieu, os campos têm regras e hierarquias próprias, delimitadas a partir dos conflitos e ações de seu interior. Especificamente, a categoria de campo literário pretende ir além da barreira do texto e do contexto, e é estudada nas obras *As regras da arte* (1996) e *O poder simbólico* (2010). A importância da ideia do campo literário está na compreensão de que o escritor literário possui uma relação viva, dinâmica e conflituosa com o seu contexto. A sua tentativa de entrada, a sua inserção e seu movimento, no interior do campo, é de natureza problemática, visto que a literatura não estabelece um lugar fixo na sociedade visto que sua circulação é fluida.

Alinhado ao liberalismo europeu, ideais como o trabalho assalariado e o livre comércio eram contrapostos à escravidão, tida como algo bárbaro e irracional.

A escravidão era considerada *antimoderna*, pois não estava mais alinhada aos ideais iluministas e, para a maioria dos intelectuais, extirpá-la era fazer o Ceará evoluir rumo à civilização. Uma idealização eurocêntrica que de fato não melhorou em nada a vida dos negros saídos do regime de escravidão.



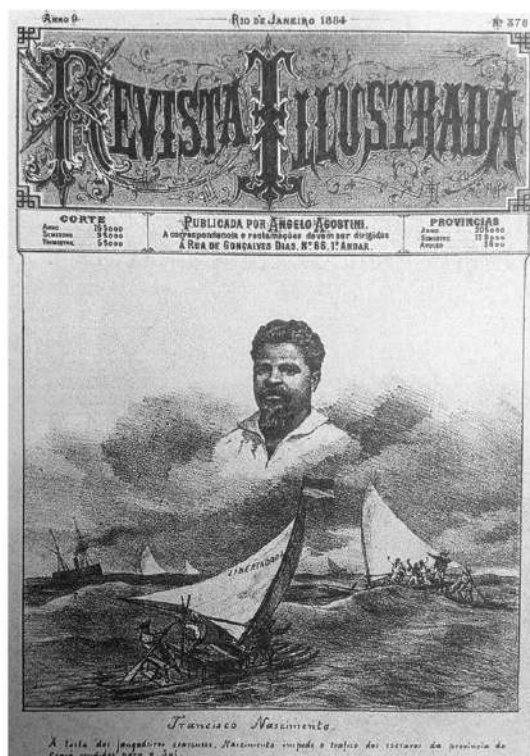
Registro da Sociedade Cearense Libertadora - Em pé: Isaac Correia do Amaral, Papi Junior, William Ayres, Abel Garcia, João Cordeiro, Antonio Bezerra de Menezes, Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar) e Alfredo Salgado. Sentados: Manoel de Oliveira Paiva, João Lopes Ferreira Filho, José Correia do Amaral e Antonio Dias Martins.

A causa abolicionista empolgou vários jovens cearenses que fundaram agremiações, tal como a Sociedade Cearense Libertadora, que tinha sócios como Isaac Amaral (1859-1942), Antônio Bezerra (1841-1921), João Cordeiro (1842-1931), Pedro Artur de Vasconcelos (1851-1914), Justiniano de Serpa (1852-1923), Pedro Borges (1851-1922). Membros dessa associação tiravam alguns escravos das fazendas e escondiam em sítios e chácaras do interior. Em 1881, essa sociedade lançou um jornal, *O libertador*, com o intuito de instigar o povo cearense em prol da campanha abolicionista. Outros setores da população cearense achavam os métodos da Sociedade radicais e criaram o *Centro Abolicionista*, que contou com Guilherme Studart e João Lopes entre os seus membros.

No dia 25 de março de 1884, o Ceará foi a primeira província do Brasil a abolir o sistema escravista, antes da nacional Lei Aurea (1888), cujo feito lhe consagrou a alcunha de “Terra da luz”, por José do Patrocínio (1853-1905).

No referido dia, a capital estava ruidosa, pela comemoração do acontecimento e o jornal abolicionista *O libertador* estampava com entusiasmo em suas páginas:

“O Ceará [...] passará à posteridade com a honra dos que tiveram o assombroso cometimento, que forte e suavemente fez inscrever a palavra – **NÃO HÁ MAIS ESCRAVOS NO CEARÁ**; O Ceará está livre; agora o seu dever e a sua honra é não poupar sacrifícios nem esforços para atrair a si o resto do Brasil do qual tão brilhantemente se destacou. Honra ao Ceará!”



Capa da *Revista Ilustrada*, edição Nº 376, estampando Dragão do Mar, líder dos jangadeiros abolicionistas.

O Clube Literário

Foi criado devido às afinidades intelectuais de alguns jovens abolicionistas, recém-saídos do movimento libertário, ligados por uma forte sociabilidade literária, em 15 de novembro de 1886, uma associação que iluminaria o universo letrado da capital cearense: o Clube Literário. Esta agremiação, nas palavras de Barão de Studart (1856-1938), foi o “renascimento literário do Ceará”. Seu idealizador foi o escritor João Lopes (1854-1928), membro do Centro Abolicionista, que outrora participara da Academia Francesa (1872-1875). A publicação oficial desta agremiação foi a revista *A Quinzena* e o seu objetivo era ser apologista das ideias modernas oriundas da Europa.

A agremiação foi formada por 36 homens e duas mulheres. Ao lado de poetas do romantismo como Juvenal Galeno (1853-1931), Antônio Bezerra (1841-1921), Antônio Martins e Justiniano de Serpa (1853-1923), os poetas da abolição, e Virgílio Brígido (1854-1920), perfilavam-se Oliveira Paiva (1861-1892), Antônio Sales (1860-1940), Rodolfo Teófilo (1853-1932), José Carlos Júnior (1860-1896), Xavier de Castro (1858-1895), Farias Brito, Abel Garcia (1864-?); Paulino Nogueira (1842-1908); Martinho Rodrigues (?-1905); Pápi Júnior (1854-1934), Ana Nogueira (1870-1967); Francisca Clotilde (1862-1935), esta com o pseudônimo de Jane Davy.

Através das páginas da revista *A quinzena*, ao lado de poemas românticos, surgiram textos realistas como os contos de Oliveira Paiva e contos científicos de Rodolfo Teófilo, anunciando a presença do realismo-naturalismo no Ceará.

Assim como a Academia Francesa, da década de 1870, os escritores e intelectuais do Clube Literário adotaram os mesmos aspectos de *sociabilidade literária*, reunindo-se para ler e debater as novidades filosóficas e literárias da Europa e do Rio de Janeiro. Muitas dessas conferências, pronunciadas em sessões noturnas, foram estampadas nas páginas d'*A quinzena*. A publicação foi utilizada para a divulgação das ideias novas e, sobretudo, dos textos literários dos membros estreados como Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Farias Brito, Oliveira Paiva.

O periódico circulou de janeiro de 1887 a junho de 1888, no total de trinta números. Seus redatores fixos eram João Lopes, José de Barcelos, Antônio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio (substituído por José Carlos Júnior), Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues.

Através das páginas da revista *A quinzena*, Farias Brito publicou os poemas que formariam o livro *Cantos modernos* (1889), e dividido em quatro partes, o ensaio “O papel da Poesia”. De Oliveira Paiva, o romance *A afilhada* (1889) também figurou nas páginas do periódico, embora também divulgado no rodapé do jornal *O libertador*. Oliveira Paiva, futuro autor de *Dona Guidinha do poço* (1962), publicou diversos contos, ora revelando, ora ocultando a sua identidade, sob o pseudônimo de Gil, entre outros.

A estética naturalista foi divulgada tanto por Oliveira Paiva, através dos artigos “O naturalismo” (Nº 1, 15/01/1888) e “O que vem a ser uma obra naturalista?” (Nº 31/01/1888), quanto por José Carlos Júnior com a coluna “Apontamentos esparsos”.

Um importante aspecto de *sociabilidade* do Clube literário eram as leituras coletivas realizadas pelos seus membros nas famosas conferências do Clube. Na edição nº 14 da revista *A Quinzena*, Oliveira Paiva, analisando essas conferências, define os propósitos literários desta instituição:

“Nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e acender os brios de uma nação, como a Literatura. O livro acompanha o indivíduo onde quer que ele vá. Custa-lhe barato. Que mais? Deve ser uma arma para o cearense. Esta é a ideia do Clube Literário: — o Livro e a Palavra em ação. É por isso que, tendo iniciado a publicação da Quinzena, vai inaugurar brevemente as suas conferências; e assim, iremos derrocando, de bastilha em bastilha, a indiferença, - indigna e baixa até para os animais. Que o povo não seja rebelde à voz dos seus melhores amigos; que a sociedade cearense corra a ouvir as palavras sinceras arrancadas à parte mais nobre da nossa alma; que a província lembre-se de que é feita para um futuro de glórias e de bem-estar; (...) Avante pelo trabalho assíduo! — é o nosso bardo.”

Percebemos o entusiasmo de Oliveira Paiva em retirar a cidade da mediocridade cultural. Para os membros do Clube Literário, o livro era mais que um mero veículo editorial de circulação de ideias, ele era “como arma”, porque o desenvolvimento intelectual e cultural do povo cearense resultaria em atingir um estágio civilizatório comparável ao modelo europeu.

Criticamente, mesmo com o idealismo desses intelectuais, sabemos que a educação formal do povo não foi um interesse imediato para os altos membros do campo do poder.

Rodolfo Teófilo ingressa no Clube Literário pelo seu prestígio científico e intelectual. A contribuição de para a revista *A Quinzena* foi através das colunas “História natural” e “Ciências naturais”. Com o intuito de divulgar novas concepções científicas. Os contos eram escritos em forma de diálogos didáticos entre ele e sua esposa Raimundinha, tendo como cenário o seu sítio na Pajuçara.



Retrato do escritor Émile Zola por Édouard Manet

ÉMILE ZOLA E O NATURALISMO

O escritor francês Émile Zola (1840-1902) iniciou a carreira com a publicação de alguns folhetins românticos, mas com a publicação do romance *Thérèse Raquin*, em 1867, iniciou o Naturalismo na Europa. Com a repercussão desse primeiro romance, em 1871, surgem os dois primeiros volumes da série *La fortune des Rougon-Macquart* (*A fortuna dos Rougon-Macquart*) e *La cure* (*A presa*), obras que faziam parte do projeto naturalista de investigar cientificamente a sociedade francesa. Houve muitos protestos na imprensa, pois os romances foram acusados de obscenos. Zola não se importou com as críticas e continuou a escrever e a publicar. No ciclo dos *Rougon-Macquart*, as obras que obtiveram maior repercussão e que transformaram Zola em celebridade literária foram *Naná* (1879) *A taberna* (1876) e *Germinal* (1885). Em 1880, Zola publica o texto que sistematiza os parâmetros do novo modelo literário: *O romance experimental*. A obra reúne uma série de sete artigos publicados em periódicos russos e franceses. Fica evidente a influência das leituras de autores racionalistas e deterministas como Auguste Comte e Hippolyte Taine; contudo, o autor mais importante para o desenvolvimento da metodologia de escrita de Zola é Claude Bernard. O cirurgião francês era o intelectual da moda, divulgando as suas descobertas em conferências e publicações, em que aliava a Medicina ao rigor metodológico das Ciências biológicas. Zola confessa abertamente que a ideia de seu romance experimental é uma simples adaptação do método de Claude Bernard. No início de sua obra, revela que “farei aqui tão-somente um trabalho de adaptação, pois, o método experimental foi estabelecido com força e uma clareza maravilhosa por Claude Bernard, em sua *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*. Este livro, de um cientista cuja autoridade é decisiva, vai servir-me de base sólida”. Pela citação, observamos o entusiasmo, baseado na perspectiva positivista, de que a ciência era o único método válido. A ciência, no âmbito materialista, tenta provar que é um conhecimento superior, pois graças à análise e às experiências, para descobrir as leis fixas dos fenômenos, afim de dominá-los. Se essa metodologia era válida para os fenômenos físicos e químicos, então para Zola também seria válida para a Literatura. O seu instrumento de atuação foi o romance experimental, porque ele “é uma consequência da evolução científica do século.”

A natureza era analisada sob o ponto de vista da reflexão científica, seguindo nomes científicos de insetos e plantas e alusões a livros de naturalistas.

No texto "A luz", publicado na Revista *A quinzena*, em 1887, há explicitamente uma defesa da ciência

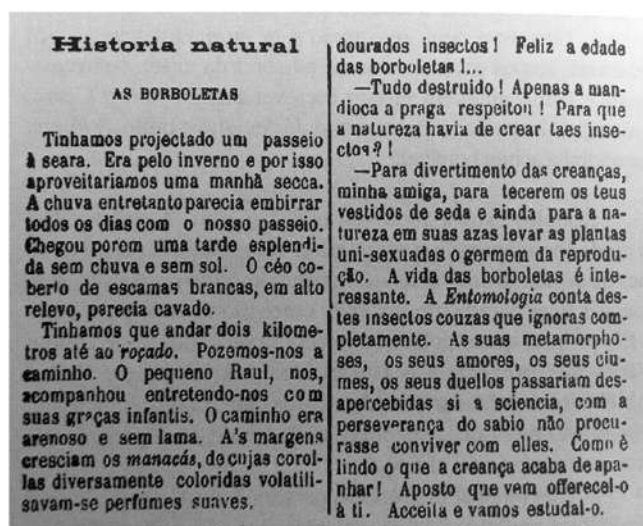
*"A física tem também a sua história. Os antigos pouco a conheciam e por isso acreditavam imensa a sua esfera. Assim a astronomia, a química, a história natural aumentavam o campo daquela ciência até que estudos mais profundos, conhecimentos mais sérios a separou das outras ciências. [...] Não conheciam o método experimental, contentavam-se com a observação dos factos, porém uma observação toda incompleta [...] A base do estudo da física foi então lançada e os laboratórios convertidos em escolas do método experimental, cujas leis Bacon ditou em uma celebre obra o *Novum organum*. O sistema analítico alargava todos os dias o campo das descobertas e cada século que passava registrava grandes inventos devidos ao método experimental. É assim que Galileu escreve as leis do pêndulo; Descartes publica a sua *Dióptrica*; Pascal lança as bases da hidrostática em um livro sobre o equilíbrio dos líquidos; Newton publica um tratado de ótica e tão importante naquela época que ilustrou o seu nome. Os limites da física estavam."*

Ao contextualizar a origem da física, Rodolfo demonstra a inferioridade dos cientistas antigos diante da conquista do método experimental moderno, única fonte válida para a construção do conhecimento. Ele expõe o seu alinhamento à doutrina positivista do filósofo Auguste Comte, criador da física social, que defendia a evolução civilizacional por meio do progresso científico. O autor d'*A fome* nos mostra seu rol de leituras: Francis Bacon, Galileu Galilei, René Descartes, Blaise Pascal, Isaac Newton. Cada qual, em seu ramo de pesquisa, contribuiu para o avanço científico e estes mesmos autores são exaltados por Comte em sua doutrina positivista.

Estes cientistas e filósofos se caracterizaram por serem racionalistas e por utilizarem os cálculos matemáticos para medirem e analisarem os fenômenos. Eles buscavam descrever as leis gerais, através de fórmulas e equações, que regem esses fenômenos. Eles são a base do método experimental. Quando Rodolfo Teófilo declara que "os limites da física estavam traçados", revela a sua radical crença na ciência como revelação de todos os mistérios da natureza. No nº 21 d'*A quinzena*, no conto "Reprodução dos vegetais", Rodolfo nos apresenta o seu cotidiano de estudo:

"Estava em meu gabinete de estudo e não presente quando entrou minha companheira. — Meio dia, meu amigo, e ainda isolado no gabinete! [...] — Protesto, passei toda a manhã a conversar com Duchartre. Quando recolho-me ao gabinete estou menos isolado do que na rua mais pública da Fortaleza. Converso com Trosseau, Saches, Richard, Claus, Vam Tieghem e muitos outros homens ilustres por seu talento e saber."

De maneira didática e interessante, o cientista demonstra que estava a par dos autores, das discussões e das teorias mais recentes da ciência. Este trecho, juntamente com outras declarações, revela a predileção de Rodolfo Teófilo pelas leituras científicas.



Reprodução de conto de Rodolfo Teófilo na revista *A Quinzena*.

Teófilo escreveu contos sobre os seguintes temas: As donzelinhas; as borboletas; a luz; o cafeeiro; ar e atmosfera; as flores; a água; reprodução dos vegetais; a vida dos vegetais; e os vulcões. O seu intuito com os seus contos científicos era de demonstrar que estudar ciência seria uma forma de se compreender o mundo e a sociedade que os cercavam.

As ideias progressistas, racionalistas e evolucionistas foram plantadas pela Academia Francesa e o debate de ideias foi aprimorado pelo hábito das leituras críticas. A grande ambição do Clube literário, assim como a de outras associações de cunho intelectual e científico era construir uma nova sociedade em que a vida literária fosse uma realidade presente e ativa, permitindo a livre circulação de ideias.

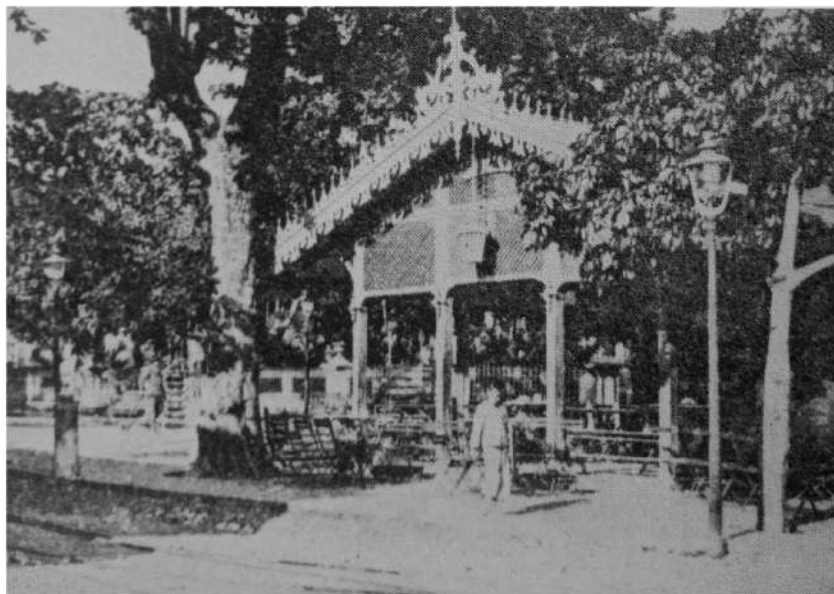


Foto do Café Java, propriedade de Manuel Pereira dos Santos (Mané Coco), na Praça do Ferreira, Arquivo Nirez.

A PADARIA ESPIRITUAL E O AMADURECIMENTO DO ROMANCISTA

Ao adquirir mais experiência literária, circulando com efetividade no contexto literário de Fortaleza, Rodolfo iniciou a redação de seu primeiro romance: *A fome*.

Dos vários jornais que circulavam em Fortaleza, o humorístico *O bond*, em 1890, segundo o pesquisador Sânzio de Azevedo já falava do 'Grêmio do Café Java". De modo sarcástico, era uma referência aos rapazes que se reuniam no dito café. Mané Coco, o proprietário do quiosque, um dos quatro que existiam na Praça do Ferreira, era um entusiasta das veleidades literárias dos jovens boêmios que frequentavam o seu estabelecimento.

Segundo o escritor Antônio Sales, na obra *Retratos e lembranças*,

"Mané Coco, que antes do Java já possuía um Estaminet, tinha o gênio do cabaretier: em Paris ele estaria à frente de um dos famosos cafés excêntricos de Montmartre. Essa sua aptidão se manifestava pela sua simpatia aos intelectuais: João Lopes, Justiniano de Serpa, Oliveira Paiva, Antônio Martins e todos os jornalistas e escritores do seu tempo o estimularam e recebiam dele todas as provas de consideração. E foi no Java que, com a colaboração material de Mané Coco, nasceu a Padaria Espiritual. Éramos um pequeno grupo de rapazes – Lopes filho, Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e eu, que ali nos juntávamos a uma mesa para conversarmos de letras".

Segundo o poeta, o Café de Mané Coco era frequentado por intelectuais, artistas e escritores. Ao contrário do Passeio público, que era um espaço destinado à sociedade elegante e séria da cidade (principalmente, a Avenida Caio Prado), alguns cafés da Praça do Ferreira eram ambientes da boêmia. A Praça era o centro econômico e cultural da cidade, espaço da eferescência da *vida literária*. Como nos diz Sales, esses espaços se inspiravam nos cafés franceses, onde os boêmios observavam a vida social e eram observados pelos passantes.

No Café Java, os artistas se reuniam para beber, falar de literatura e de arte, comentar suas próprias produções, comungando o seu antagonismo à sociedade burguesa. A Padaria foi instalada em um prédio na Rua Formosa, nº 105. Antes da primeira reunião da associação, em 30 de maio de 1892, fato que causou espanto da burguesia local.

Antônio Sales, em *Retratos e lembranças*, nos relata as motivações e os pormenores da reunião dos rapazes:

"Ulysses e Sabino insistiram que formássemos um grêmio literário para despertar o gosto das letras, então em estado de letargia, mas eu me opunha. Uma sociedade literária, como se havia fundado tantas, com um caráter formal de academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática, era cousa para qual eu sentia uma negação absoluta.

– Só se fosse uma cousa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o nosso meio e tivesse uma repercussão lá fora. – Pois seja assim, diziam os outros.”

Os amigos de Antônio Sales o interpelaram para criar uma associação, visto que eles se reuniam sempre no Café Java para discutir literatura. Sales aceitou, contudo, não queria associar-se a um grêmio sério e oficial. Sales, que já havia publicado um livro de versos, só participaria se fosse ‘uma cousa nova’, se distanciando da seriedade, retórica artificial, eloquência elogiosa e da sacralização das Academias literárias, comuns na época. A atmosfera irreverente tomava conta das reuniões, mas o grupo de rapazes não viviam apenas de humor. Os futuros padeiros queriam fazer a diferença. Assim como outras associações anteriores, eles tinham também um desejo progressista de desenvolver as letras no Ceará.

Após entrarem em acordo, Sales elaborou o Programa de instalação da Padaria, em que destacamos os dois primeiros itens que nos falam do intuito e da organização da Padaria:

“I - Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da "Terra da Luz", antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão do espírito aos sócios em particular, e aos povos, em geral.

II - A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-Mor (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-livros na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um Investigador das Coisas e das Gentes, que se chamará Olho da Providência, e demais Amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de Padeiros.”

O Programa de Instalação, redigido por Antônio Sales foi lido na primeira reunião oficial da agremiação. Publicado nos jornais da cidade, ficou conhecido e foi comentado por todo o país, por sua criatividade e irreverência. Pelo primeiro item, observamos que a Padaria era uma associação literária e artística; não há dúvida disso, contudo, o seu caráter humorístico o distinguia dos outros grêmios. Era um grupo que tinha um espírito progressista, mas o seu progressismo era mais cultural do que político.

O grêmio foi formado por 20 sócios (padeiros), que adotaram nomes-de-guerra, e posteriormente, em 1894, houve uma reorganização, e entraram mais 14 membros.



Rara foto de sete componentes da 1ª formação da Padaria Espiritual. Em pé, da esquerda para a direita: Álvaro Martins, Raimundo Teófilo de Moura, José Maria Brígido, Adolfo Caminha. Sentados: Sabino Batista, Antonio Sales, Carlos Vítor.

As reuniões eram chamadas de ‘fornadas’, onde os padeiros se juntavam para discutir literatura, para divulgar suas produções artísticas e literárias e para contar pilhérias. Eles publicaram um jornal intitulado *O pão*, que contou com 36 números, espaço para publicação de textos literários e divulgação de ideias, editados entre 1892 a 1896. A agitação que a Padaria provocou na cidade, tirando-a do marasmo, deve-se ao desejo de socializar a literatura.

Eles tinham o objetivo de ‘fornecer o pão de espírito’ aos sócios e à sociedade. O pão como metáfora do alimento espiritual, ou seja, cultural. Espírito como sinônimo da inteligência. A nota humorística está na própria brincadeira com progressismo positivista de outras sociedades, pois levar o ‘pão de espírito’ aos povos em geral seria um fato um tanto quanto improvável.

O ingresso de Rodolfo Teófilo

Enfim, após dois anos de atuação mais efetiva, Rodolfo Teófilo, num texto de reminiscências, nos esclarece que:



Foto da reorganização do grêmio, em 1894. Da esquerda para a direita, em pé: Artur Teófilo, Sabino Batista, José Nava, Rodolfo Teófilo, Lopes Filho, Ulisses Bezerra e Antônio de Castro. Sentados: José Carvalho, Almeida Braga, Valdemiro Cavalcante, Antônio Sales, José Carlos Júnior e Roberto de Alencar

“Essa agremiação de boêmios deu grande incremento às letras pátrias, tornando-se notável e conhecida em todo o país. Durou pouco. Dissolveu-se por terem-se mudado de Fortaleza alguns e outros deste mundo. Os que aqui ficaram, em número de 6 ou mais ou menos, reorganizaram a Padaria, dando-lhe um tom mais sério. Foi eleito Padeiro-mor José Carlos Júnior, que morria tempo depois e foi por mim substituído. A segunda fase da Padaria Espiritual foi um sucesso, o que atestam o jornal “O pão” e uma dúzia de livros publicados em prosa e verso.”

O ingresso de Rodolfo Teófilo na Padaria foi bastante singular. Apesar de admirar os padeiros, não se identificava com seu o caráter boêmio. O farmacêutico era um homem sério e recluso, ao invés da vida nos cafés, preferia o sossego de seu sítio no Alto da Bonança, em Pajuçara. Por muita insistência de Antônio Sales, Rodolfo ingressa na reorganização do Grêmio, em 1894. Segundo Leonardo Mota, “o comprometimento de Rodolfo Teófilo à fornada em casa de Antônio Sales foi considerado um caso extraordinário, atendendo-se a que havia muitos pares de anos que ele não punha o pé fora de casa, à noite.”

Em 1894, a Padaria deixou de ser uma novidade e estava integrada à vida literária e social da cidade. E entre 1895 e 1896, o Forno, como sede específica da Padaria, deixou de existir, as reuniões foram organizadas na casa de algum padeiro, o que aconteceu com a casa de Rodolfo Teófilo, padeiro-mor, que sediou muitas fornadas.

A primeira fornada na casa de Rodolfo Teófilo ocorreu em 14 de agosto de 1895 e o novo espaço modificou a sociabilidade das reuniões da Padaria, pois, a qual segundo Antônio Sales:

“com a presença de senhoras e de cavalheiros que metiam empenhos para assistir às nossas sessões, liam-se versos e prosa, contavam-se anedotas, fazia-se música e tudo acaba em torno de uma mesa de chá e bolos [...] Afinal Rodolfo Teófilo, que, ao contrário das corujas, não saía de casa à noite, tendo sido eleito Padeiro-mor, deu à nossa associação feição séria. Sob a direção de Rodolfo Teófilo, a casa deste tornou-se o forno oficial e único da Padaria: reuníamos ali sob a égide da santa esposa do nosso patriarca, que assumiu as funções de nossa padroeira intelectual e doméstica. D. Raimundinha era uma espécie de mãe espiritual de nós todos e com uma dedicação e solicitude infatigáveis nos acolhia em sua casa uma vez por semana e preparava uma bela e copiosa mesa de doces, que era a parte final de nossas sessões.”

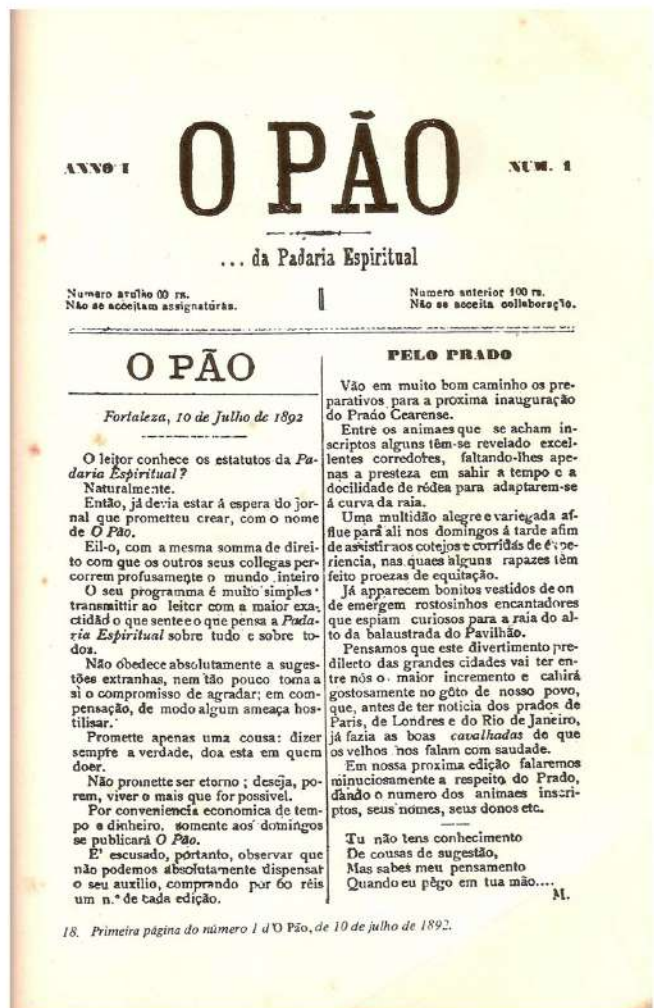


Foto da capa da primeira edição do jornal O Pão, em 1892.



Insígnia da Padaria Espiritual com o seu lema, 1892.

As reuniões agora eram mais sérias, devido ao caráter do anfitrião, que ocorriam, tanto na residência de Fortaleza, quanto na de Pajuçara. Nesse sentido, a *sociabilidade* mais familiar materializou o lema do grêmio 'amor e trabalho' levado a todo o vapor.

Rodolfo Teófilo, nesse momento da agremiação, participa de vários números do periódico. Nos números 10 e 11, apresentou um artigo científico, "As Manchas do Sol e as Secas". No número 18, publica trecho do romance *Os Brilhantes*, em outros números quatro excertos de *Maria Rita*, e diversos poemas que serão publicados no livro *Telésias*.

Com a morte do padeiro José Carlos Júnior, Teófilo fora eleito como padeiro-mor e no livro de atas da agremiação, assinado no dia 19 de julho de 1896 por Moacir Jurema (Antonio Sales), atestando que *"além das muitas resoluções já consignadas, devo registrar também que as fornadas se realizarão de hoje em diante às quartas-feiras e que o forno fica montado definitivamente em casa de Marcos Serrano, que não é homem para andar acima e abaixo."*

Foi durante o seu período na Padaria Espiritual, que Teófilo se consolidou como romancista, publicando *Os Brilhantes* (1895), *Maria Rita* (1897), a novela *Violação* (1898) e *O Paroara* (1899), o último romance com o emblema da agremiação. Além da Padaria Espiritual, Rodolfo Teófilo fez parte do Centro Literário e, depois, entrou na Academia Cearense de Letras, no dia 8 de setembro de 1922, no período da primeira reorganização, ocupando a cadeira número 36.

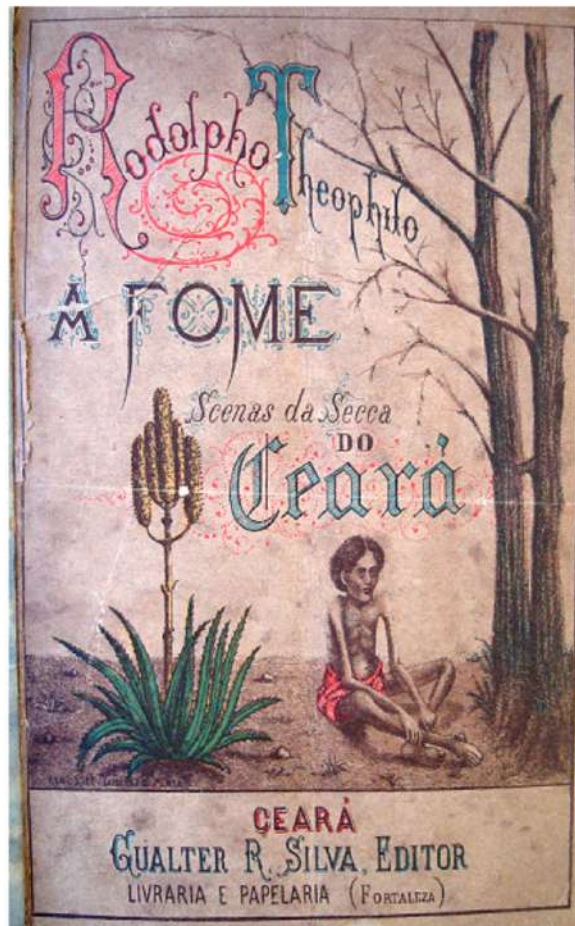
Na segunda reorganização, em 1930, passou para o quadro de honra. Como homenagem, em 1951, foi escolhido para patrono da cadeira número 33.

No contexto de sua atuação, nas três primeiras décadas do século XX, Rodolfo Teófilo manteve uma relação conturbada com o campo do poder, devido a sua luta por justiça social, pelo seu combate à seca, pela Campanha de vacinação e pelo seu oposicionismo à Oligarquia Accioly. Mas, o seu maior esforço era ser reconhecido como literato no sistema literário regional e nacional.

Como intelectual engajado, exerceu dois papéis, o do cientista sanitarista que realizou a sua ação na esfera social e o do letrado, que atuou como romancista e jornalista, produzindo bens simbólicos. Mesmo sendo um homem sério, não atraído pela boêmia da vida *literária* de Fortaleza, foi justamente com os padeiros que Rodolfo mais se identificou por meio da *sociabilidade literária*, no sentido de um convívio camarada, às vezes polêmico em prol de um bem comum: o aperfeiçoamento cultural.

Antônio Sales, em *Retratos e lembranças*, nos diz que *"a 'Padaria' se interessava por tudo o que dizia respeito às letras e às artes [...] já não era somente uma força mental em nosso meio: era também uma força social pela simpatia que a cercava, conquistando todas as boas vontades e abrindo-lhe todos os corações e todas as portas"*

Percebemos que nem a Padaria Espiritual, nem o Clube Literário ou a Academia Francesa e demais grêmios modificaram a realidade social de Fortaleza. Ser um homem de letras era algo privilegiado em uma província marcada pelo analfabetismo e pela miséria. Se em outras regiões do Brasil, havia também a ânsia de se modernizar, no Ceará, além da adversidade socioeconômica, havia o problema endêmico da seca. Muitos dirigentes da época afirmaram que o Ceará não era civilizado devido à seca. Contudo, o problema do atraso cultural e material do estado é algo bem mais complexo. Ao denunciar os motivos das mazelas do povo cearense perante as secas, Rodolfo Teófilo foi categórico, na obra *A seca* de 1915: *"O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza"*.



Capa da 1ª edição do romance *A fome*, 1892.

A FOME: ROMANCE DA SECA

“Foi na tarde de um desses dias, no ano de 1877, o ano da fome, que na Jacarecanga, um dos arrabaldes de Fortaleza, arranchava-se à sombra de um cajueiro uma família de retirantes, que depois das torturas de uma viagem de cem léguas, vinham aumentar a onda dos famintos”. (1979. p. 4).

Esse parágrafo é uma síntese do romance que representa o flagelo social da seca que não poupou ninguém. Durante o ano de 1877, no início da estiagem, Rodolfo Teófilo tinha 24 anos. Quando publica *A fome*, já contava com 46 anos, distante 13 anos dos terríveis acontecimentos. Os três anos de martírio foram narrados e analisados em *História da seca do Ceará* (1883). Como a seca e seus problemas são endêmicos no Ceará, para ampliar a denúncia, Teófilo escreve sobre o tema em forma de ficção.

Em 1890, o livro é anunciado no jornal *O Cearense*, em 17 de dezembro de 1890:

“A fome: o editor Gualter R. Silva, estabelecido com a livraria e papelaria nesta capital, ofereceu-nos um

exemplar de mais um trabalho do Sr. Rodolfo Teófilo. Intitula-se A fome e tem por objeto descrever algumas das tristes cenas que costumam dar-se por ocasião das secas que periodicamente flagelam este Estado. É precedido de um prefácio, assinado pelo Dr. Virgílio Brígido em que é biografado o autor da obra que temo em mãos. A obra divide-se em quatro capítulos em que são narrados com precisão e verdade diversas cenas da seca de 77, observadas pelo autor que as descreve em linguagem fluente e correta. Agradecemos a oferta.”

Pelo trecho do jornal, percebemos que Teófilo não era visto como um estreante das letras. Descreve em poucas linhas o enredo do livro e o nome do prefaciador, Dr. Virgílio Brígido, recurso muito comum para legitimar a autoria da obra.

Detalhe é que o anúncio declara que o livro fora escrito com “precisão e verdade”, frutos da observação de Teófilo, características do método científico, mais adequado a uma obra historiográfica, mas que foi adotado nesse projeto ficcional.

A FOME

— x —

SCENAS DA SECCA DO CEARÁ

PELO DISTINCTO ESCRIPTOR

O SR. RODOLPHO THEOPHILO

Editor Gualter R. Silva

Acaba de sair de uma das melhores officinas do Porto, este precioso livro. É um volume de mais de quinhentas paginas, bom typo, bom papel, servindo-lhe de capa um excellentissimo chromo representando um dos quadros da secca. Sobre o valor e merecimento da FOME, leia-se o que disse um dos mais distinctos redactores da antiga: — "Gazeta do Norte."

"Vai entrar para o prelo um bello livro, um romance, devido á penna do Sr. Rodolpho Theophilo. A rapida leitura que do manuscrito fizemos, convenceu nos de que irá produzir sensação, não sómente no mundo litterario, como entre a gente que se occupa de remediar os males deste desgraçado Ceará."

É um livro de imaginação, é verdade, mas no qual, rigorosamente, não entrou a imaginação senão para enfeixar n'um molho racional e logico a longa serie de factos, de episodios dolorosos e tremendos de miséria e de prostituição, que todo mundo viu, de que todo mundo foi testemunha durante a passada secca de 77 a 79.

O romancista condiz o futuro da provincia nua familia de emigrantes, que fórta e considerada; fal-a soffrer todas as misérias, todas as vexações desse longo exodo a travéz de um serio queimado e abandonado, a sentir fome e sede desesperadoras, a defender-se contra toda sorte de inimigo faminto, desde o morego bravo até a onça feroz; desde a cobra sequenza até o lince faminto, que devora as proprias carnes. Põe a final esse grupo de infelizes no meio das miserias da capital, onde a Ineta toma uma feição diversa, mais intensa que. Aqui não ha o tigre, mas ha o seductor; não ha o morego sequioso, mas ha o ladrão dos soccorros; não ha o pavor da solidão do deserto, mas ha o rebuzamento da dignidade, os tragos amargos em que a vergonha se recolhe tremendo.

A primeira parte — o Exodo — é a mais bella; a terceira — as Misérias — é a terrivel.

Ninguém poderá impunemente ler o romance do Sr. Rodolpho Theophilo; por força que hade muitas vezes deixar sahir o livro das mãos sacudidas pelo horror daquellas scenas! Ha quadros impossiveis de se ler tranquillamente.

Então, a verdade scientifica com que são descriptas certas manifestações da fome, despertam horror e uma grande piedade n'alma de quem as lê.

Um bom livro, enfim o um livro terrivel. Imaginai uma serie de contos de Edgar Poe, ligados logicamente para formar uma historia unica e tereis o romance do Sr. Rodolpho Theophilo.

Damo-lhes parabens, e aguardamo-nos para quando sair a lume, mais devagar dizer sobre o seu merecimento.

(Gazeta do Norte 13 de Março de 1889.)

O editor conscio de que presta um serviço ás letras pátrias e com particularidade ao Estado do Ceará, publicando um livro util e precioso pelas l. gões que guarda para o futuro, espera que todos os bons cearenses se empenhem em lê-lo, em possuil-o, em divulgar-o, pois é elle um grito de — alerta — que deve soar sempre n'esta terra desde a choupana do pobre até o palacio do rico.

Cada exemplar custa 3\$000

VENDE-SE

No Ceará — LIBRO PAPELARIA de Gualter R. Silva.
 " Rio de Janeiro — LIVRARIA B. L. Garnier.
 " Recife — " F. P. Boultreau.
 " Pará — " Tavares Cardoso & C.
 " Maranhão — " João de Azuvar Almeida & C.
 Em Manaus — Casa — Rodrigues Vieira & C.
 " Lisboa — LIVRARIA Tavares Cardoso & Irmão.

Anúncio do romance *A fome* no jornal *O cearense*, Nº 274, 20 de dezembro de 1890

No dia 20 de dezembro, pelo mesmo jornal, o próprio dono da Editora, o Gualter R. Silva, publica um grande texto que ocupa toda a página lateral, para anunciar o livro de Teófilo:

"Acaba de sair de uma das melhores officinas do Porto, este precioso livro. É um volume de mais de quinhentas paginas, bom typo, bom papel, servindo-lhe de capa um excellentissimo chromo representando um dos quadros da secca".

A primeira edição do livro foi impressa em Portugal, artifício muito comum entre os autores cearenses no final do século XIX.

No próprio anúncio, Gualter R. Silva cita integralmente um texto de um dos redatores do jornal *Gazeta do norte*:

"Vai entrar para o prelo um bello livro, um romance, devido à pena do Sr. Rodolfo Teófilo. A rápida leitura que do manuscrito fizemos, convenceu-nos de que irá produzir a sensação, não somente no mundo literário, como entre a gente que se ocupa de remediar os males deste desgraçado Ceará. É um livro de imaginação, é verdade, mas no qual, rigorosamente, não entrou a imaginação senão para enfeixar num molho racional e lógico a longa série de fatos, de episodios dolorosos e tremendos de miséria e de prostituição, que todo mundo viu, de que todo mundo foi testemunha durante a passada secca de 77 a 79. [...] Então, a verdade científica com que são descritas certas manifestações da fome, despertam horror e uma grande piedade n'alma de quem as lê. Um bom livro, enfim é um livro terrível. Imaginai uma série de contos de Edgar Poe, ligados logicamente para formar uma história única e tereis o romance do Sr. Rodolfo Teófilo" (O cearense, Nº 274, 20 de dezembro de 1890, p. 3).

O redator do texto salienta que o livro é uma obra ficcional, em que prevalece a razão e a lógica, descritas por meio da 'verdade científica'. É interessante que, desde a publicação, a opinião sobre o cientificismo é destacada, mas o enredo romântico, heroico e maniqueísta não oferece problematização ainda. O juízo acerca do livro é paradoxal, "bom e terrível", além da comparação com as narrativas mórbidas do escritor americano Edgar Alan Poe. Além disso, o editor afirma que ele está prestando um útil serviço às letras pátrias e ao estado do Ceará, ao publicar um livro de denúncias.

A obra narra a odisseia de uma outrora abastada família, chefiada pelo fazendeiro Manoel de Freitas, que para fugir da seca e da fome que assolavam o sertão cearense, migram para a capital, passando por variadas provações e presenciam cenas horripilantes. Ao chegar a Fortaleza, a família encontra um perturbador quadro de miséria e degradação, além de enfrentar a mortal epidemia de varíola. Sem local para se arrancar e sem nenhum recurso, os retirantes ficaram entregues à miséria na capital e ao descaso das autoridades, que pouco faziam para lhes garantir um mínimo de dignidade.

O subtítulo da obra – *cenar da seca no Ceará* – foi a maneira pela qual o escritor se referiu ao seu livro na primeira e na segunda edição. Ele não denominou romance, receoso talvez, devido grande parte documental existente no livro.

Além disso, esteticamente, há uma tensão entre características românticas e naturalistas, como ressalta o acadêmico Otacílio Colares que Rodolfo Teófilo como ficcionista é “*enquadrável cronologicamente entre o romantismo decadente e o realismo-naturalismo em euforia no Brasil, em fins do passado século*”.

A fome é uma obra de predominância, naturalista, porém, o seu enredo, caracterização dos personagens e a estrutura narrativa do texto remetem às ficções românticas, resquícios das influências de leitura do escritor apontadas pelo crítico Nestor Victor, em seu artigo sobre Teófilo

“*Na galeria extensa dos tipos que Rodolfo Teófilo criou encontra-se um grande número de indivíduos assim. Ele os faz de seu tamanho, quer deem para o bem, quer deem para o mal. Seus bandidos lembram os de Schiller, ou então são verdadeiras feras que andam sobre dois pés; seus patriarcas têm qualquer coisa de bíblicos; seus sacerdotes, quando santos, fazem pensar no bispo Myriel d’Os Miseráveis, de Hugo [...] afora esses os da romântica de capa e espada, ou de qualquer modo imaginosa, geralmente, porém sem outro mais alto valor. Dos autores brasileiros ou portugueses quem mais parece ter ele praticado são José de Alencar e Alexandre Herculano*”.

As influências de leituras românticas de Teófilo são autores românticos brasileiros, portugueses e franceses, como José de Alencar, Almeida Garrett, Victor Hugo, Alexandre Dumas. Em relação às personagens da história, elas são planas, isto é, constituídas como tipos, embasadas num maniqueísmo entre mocinhos e vilões, não apresentam profundidade psicológica, visto que o objetivo do escritor era representar os quadros das misérias da seca.

Os protagonistas são Manoel de Freitas e sua família, e Edmundo da Silveira, amigo do patriarca. Eles são construídos como ideal de justiça, enquanto os antagonistas são Prisco da Trindade, Simeão de Arruda e Quitéria do Cabo, sofrem punições pelos seus atos vis.



“Retirantes”, água-forte sobre papel, por Raimundo Cela, Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

Manoel de Freitas é assim descrito:

“*Sentado em um toro de madeira, na primeira manhã, em frente ao rancho, meditava um homem de pouco mais de cinquenta anos: era o chefe da família. Profundamente triste olhava para os alojamentos dos companheiros de infortúnio, abrigados também à sombra de árvores. A fome com o cortejo de dores não pudera apagar os traços daquela carnação. A musculatura estava reduzida, mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro pelos cornos. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida são e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade. Os tons de tristeza, carregando-se até aos matizes da nostalgia, assentavam mal naquela figura máscula. O gigante, entretanto, absorvido todo em desvendar o futuro, meio desalentado, deixava as tristezas que havia escondido dentro d’alma saírem e se colocarem em sua frente. Era digna de reverência a postura meditativa do retirante a procurar seguir as miragens, que fugiam de imaginação afora*” (Teófilo, 1979. p. 4-5).

O protagonista do romance é construído a partir de um modelo épico, heroico, oriundo de uma família patriarcal, reforçado pelo narrador que menciona a sua nobreza de coração. A primeira parte da citação remete ao período de provações que passara durante a viagem à Capital cearense. As descrições da personagem possuem um duplo direcionamento; a idealização se direciona ao caráter do indivíduo, o outro, tratando do físico, é marcado pelo fisiologismo científico.

Quando migrava para Fortaleza, Freitas se vê obrigado a matar uma onça para saciar a fome de sua família:

“Tendo uma das mãos o terçado e na outra o chapéu, corre sobre a fera (...) Freitas agride a onça, com agilidade pasmosa, introduz-lhe o chapéu na boca, cravando-lhe ao mesmo tempo o terçado no coração. A fera mal teve tempo de armar o pulo. Quando ia atirar-se aos ombros de Freitas, cambaleia, ferida de morte, cai estrebuchando e seu derradeiro estertor foi um urro medonho e torvo que ecoou segundos pelos outeiros próximos até acabar-se ao longe” (1979, p. 19).

O feito heroico de Freitas lembra-nos a cena do romance *O guarani* (1857), de José de Alencar, no qual Peri também enfrentou uma onça. José de Alencar, em seu contexto, possuía liberdade de imaginação para fazer seu personagem desviar-se das convenções lógicas, mas, e quanto a Rodolfo Teófilo? Esta é mais uma das reminiscências românticas da obra.

Rodolfo Teófilo deixa transparecer certo tradicionalismo e paternalismo, ainda sob orientação romântica, em que boa parte das personagens femininas do autor são frágeis e carentes da proteção masculina; Manoel de Freitas *“casara aos trinta anos com D. Josefa Maciel, senhora pobre, porém bela e de família respeitável.”* (1979, p. 5) Josefa é submissa, ingênua e protetora da família.

O narrador descreve a filha mais velha do casal, Carolina, durante a migração:

“Os olhos grandes e de um azul-celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vontade à fisionomia expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma sanefa de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados... O clima equatorial com o seu sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis” (1979, p. 12).

Percebemos que mesmo idealizando a personagem feminina, dotando-a de caracteres castos, paradoxalmente, não deixa de descrever seus traços físicos pautados na craniologia de Cesare Lombroso. Apesar da personagem possuir traços europeus (lembrando as princesas dos romances de cavalaria), também possui a “cabeça chata”, traço regionalista que a caracteriza como cearense, também determinado pelo clima.



Foto do médico italiano Cesare Lombroso. Fonte wikipedia.

CESARE LOMBROSO (1835-1909) foi um professor italiano de medicina legal e um dos fundadores da Escola Italiana de Criminologia. Ele é famoso por suas teses sobre o inatismo do crime, com base nos estudos frenológicos do médico alemão Franz Joseph Gall, fundador da craniologia, segundo a qual as características humanas e as faculdades mentais podem ser lidas na forma e no tamanho do crânio e do cérebro. Usando o método da craniologia, Lombroso tentou identificar os criminosos, observados como uma classe hereditária que se distinguia pela aparência física. Ele publicou os resultados de suas investigações em sua obra principal *Homem Criminoso*, em 1876. Certas características corporais e os formatos de crânio foram associadas a certos tipos de crimes. Por exemplo, o tipo criminoso seria um indivíduo atávico e amoral que comete crimes por necessidade biológica e apresenta certos traços anatômicos como maxilar grande, sobrancelhas proeminentes, olhos vesgos, testa recuada etc. Hoje, Cesare Lombroso é considerado o fundador de uma criminologia moderna pelo positivismo que propagou. No entanto, sua teoria antropogenética do crime é considerada obsoleta, uma pseudociência.



Retirantes em uma estação de trem, cidade de Iguatu, Ceará, 1877.
Arquivo Nacional.

“Edmundo é um dos protagonistas, estudante de direito e velho amigo de Freitas: *tinha vinte e cinco anos, era inteligente e de bons costumes... Os olhos, barba e cabelos, de um negro cor de jucá, assentavam admiravelmente sobre o rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense.*” (1979, p. 111). *Nessa descrição, novamente, Teófilo associa a ideia de boa índole a uma boa aparência, destacando a “cabeça chata” que é um traço regional cearense.*

A seguir, a descrição da cena do primeiro encontro de Carolina e Edmundo:

“A visita do moço impressionou-a e, por um desses caprichos tão comuns ao coração humano, antes de retirar-se ele, Carolina já o amava. Não sabia o que se passava. Acordara em um mundo novo. [...] Os espíritos se falaram, embora os lábios se conservassem mudos! Enquanto Edmundo e Carolina idealizavam um mundo de gozos, uma vida de flores, um ninho feito de felicidades para neles desfrutarem o amor, Simeão de Arruda, contrariado, ralado de ciúmes, jurava vingar-se de Silveira” (1979, p.114)

Um amor que nasce à primeira vista e que, no momento seguinte, se torna eterno, os impedimentos amorosos externos (estado de miséria a que ambos estavam submetidos) e a idealização do amor tornam esta cena romântica. Eles formam o casal da narrativa que tem o amor ameaçado pelo antagonista principal do romance, Simeão de Arruda. Ele é um funcionário do governo, que ajuda a família de Freitas com o vil interesse de se aproximar de Carolina e saciar os seus desejos lascivos:

“É Simeão de Arruda, comissário distribuidor dos socorros públicos, uma das personagens mais importantes desta história. Tem trinta anos e estatura regular. O rosto é alvo e descarnado, os olhos azuis e vivos, enfeitado por uma barba à inglesa, ruiva como a espessa cabeleira. [...] O comissário estava apaixonado pela moça, que seduziria, custasse o que custasse [...] Na manhã que sucedeu ao dia da última visita à palhoça de Freitas, o comissário, montado em seu cavalo negro, seguiu em direção ao rancho do coronel. Ia levar um romance a Carolina, e socorros em dinheiro e fazendas a Freitas.” (1979, p. 97; 102; 106).

Através desta descrição do narrador, além de encarnar os traços de vilania, também representa uma imagem do funcionalismo corrupto. É interessante notar que ele tem um cavalo negro, cuja imagem nos remete aos cavalos dos vilões dos romances de cavalaria e de capa e espada.

Quitéria do Cabo é a figura que auxilia Simeão a executar os seus planos malévolos:

“Chamavam-na assim por ter sido muitos anos vivandeira de um cabo do exército... Um nariz enorme e curvo, como o bico das aves de rapina, levantava-se como uma parede em meio de dois olhos pequenos vivos e verdes, com raríssimas pestanas, arqueadas sob grossas sobrelhas grisalhas. A testa enorme e arrampada para a nuca fazia um contraste com o queixo pontiagudo, que, à falta absoluta de dentes, deixava unir os maxilares e beijava a ponta do nariz. (...) Quitéria era assim fisicamente e no moral um aleijão também.” (1979, p. 108)

A craniometria mais uma vez surge durante o processo descritivo. A personagem de mau caráter é descrita de maneira horrenda. Em contraponto, a denúncia social, as descrições cruas, o cientificismo a caracterizam a obra como naturalista. A linguagem é clara, didática e objetiva, com bastantes termos científicos, para não deixar margem para ambiguidades. Por isso, para a construção do romance, a máxima importância é dada à observação e documentação. O objetivo do rigor descritivo seria o de expressar uma denúncia, e não apenas o entretenimento ou gozo estético.

DETERMINISMO

Ideia desenvolvida na literatura pelo historiador francês Hippolyte Taine (*História da Literatura inglesa*, 1863) inspirada no positivismo e nos métodos da Biologia, que formulou que a obra de arte deriva de três fatores, raça (fator individual e hereditário), meio ambiente (fator geográfico), tempo (fator histórico). Em síntese, o determinismo defendido por Taine atestava que o homem era uma marionete nas mãos de forças internas e externas; a interna, os mecanismos biológicos, oriundos da raça, transformada ao longo da evolução; e externas, o fator histórico, ou seja, o momento em que o homem vive e a influência do meio ambiente.

Em *A fome*, encontramos destacadas três formas de determinismo: racial, hereditário e climático. Vejamos os casos de determinismos hereditários na descrição da filha de Manoel de Freitas: “*Carolina sentia fome, sabia-se pela palidez das feições. Não que se queixasse: herdara do pai muitas das suas qualidades psicológicas e físicas; a fibra de seus músculos não se abatia com qualquer jejum*” (1979. p. 19-20).

Outros exemplos a causa do vício do jogo de Inácio da Paixão, primo de Manuel de Freitas, “*era-lhe uma moléstia congênita.*” (p.87), e a explicação do ataque epiléptico no filho de Prisco da Trindade, grande comerciante de escravos: *A mulher de Prisco pede socorro, acodem todos, vem o médico e declara que a criança havia sofrido um ataque incompleto de epilepsia herdada do trisavô, um alcoólico, a nevrose, que não se tinha desenvolvido nas outras gerações que o precederam.* (p. 95).



Fac-símile da capa da Revista Besouro que estampou vários artigos sobre a seca de 1877

Estas ideias são comuns à maioria dos naturalistas da época: além de doenças, traços do caráter e psicológicos eram transmitidos de pai para filho. Rodolfo Teófilo tinha uma visão do comportamento humano pautado nas teorias científicas da época. A seguir, a uma descrição de um trecho em que os sertanejos se desesperam e lutam por comida

“Travou-se uma luta tremenda, uma briga de feras esfomeadas sobre um minguido repasto. Os víveres seriam dos mais fortes e não dos mais necessitados. Os que podiam agredir eram em muito pequeno número. Tomaram conta das sacas, que abriam, e começou a luta. Os mais esfomeados precipitavam-se sobre a farinha com uma gula e teimosia para as quais não havia oposição possível. Eram repelidos a empuxões, a murros: caíam, mas voltavam de gatinhas, gemendo ou praguejando. Não havia meio de debandá-los. Os que sustentavam a peleja não tardariam a enfraquecer, pois os fracos eram cem vezes mais. As turmas de famintos aumentavam e a confusão crescia sempre. A vitória seria do mais forte, e entre os que defendiam os víveres travou-se uma luta, mas uma luta impossível de termo. Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados num amplexo fratricida, o sítio foi invadido pela onda que avançava sempre, e com uma gula difícil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. Freitas observava compungido aquela luta pela existência” (sic) (1979. p. 44)

O confronto entre os famintos pela posse da comida representa a concepção darwinista da luta pela sobrevivência. Devido à fome, os sertanejos ficam com o comportamento reduzido ao instinto animal.

A fome, como um romance naturalista, é experimental, ou seja, defende uma tese. O escritor francês Émile Zola sistematizou suas doutrinas ficcionais na obra *O romance experimental* (1880). Ele declarou que o romancista moderno é constituído de um observador e de um experimentador. O observador apresenta os fatos tal qual os observou, construindo e estabelecendo o terreno ficcional no qual os personagens vão se desenvolver. Depois, entra em ação o experimentador.



Criança morta (1944), óleo sobre tela, por Candido Portinari. Fonte MASP.

A tese do romance é que o ser humano, assolado pela privação extrema das necessidades fisiológicas básicas, como se alimentar e ingerir líquidos, é capaz de regredir a um estado primitivo, animalesco capaz de atitudes inimagináveis e hediondas como roubar, matar, e até praticar o canibalismo. O estado de fome transforma o homem em um ser bestializado.

“O faminto não obedecia; e continuava a roer as unhas e a comer as escamas que se desagregavam da pele. Agora fitava o rosto de Carolina perto de si, completamente exposto e alumiado em cheio pela luz da fogueira. Percebia os tons daquela carnação, mas com o apetite da besta esfomeada. As narinas dilatam-se-lhe mais, fareja, sorve o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome e rasgá-la a dentadas (...) O delírio aumenta na esperança de mastigar as faces da moça” (1979. p.34).

No trecho, lemos que devido ao estado extremo de fome, a personagem sede ao instinto animal e tenta se saciar de carne humana. Essa tese é embasada por inúmeras cenas que o autor descreve personagens degradados ao estado de fome e de miséria, como um suicida que tem suas vísceras devoradas por um cão; um homem ferido que suga freneticamente o sangue anêmico da ferida de seu braço; uma criança abandonada que tem o seu corpo coberto por morcegos que lhes sugam até a última gota de sangue; homens brigando até a morte por sacas de farinha; um indivíduo alucinado pela fome devora o próprio filho e um recém-nascido que tenta sugar o seio esquelético do corpo de sua mãe morta, em estado de putrefação.

Quanto ao estilo empregado no livro, a característica prevalecte é o cientificismo. Zola declara, em *O romance experimental*, *“que no fundo, acho que o método atinge a própria forma, e que uma linguagem nada mais é do que uma lógica, uma construção natural e científica.”* Sendo positivista, o farmacêutico acreditava que somente através da ciência podia-se atingir a verdade. Portanto, para o escritor, a ciência e a arte estavam de mãos dadas. Escrever uma literatura realista, isto é, expressão de um “real” é escrever através de um estilo cientificista.

No texto, o que prevalece é uma linguagem referencial e uma característica marcante e motivo de severas críticas é o abuso de termos científicos nas descrições, como nessa descrição

“Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto já estava em medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação que fazia a cara disforme e horripilante. A fisionomia mais hórrida tornava o nariz, que, diluído em uma amálgama de pus e vermes, caía sobre a boca, há sem lábios, e não cobria mais os dentes alvos e são (...). rasgado também estava o abdômen pelo cão, a cevar-se nos intestinos e vísceras do morto”. (1979, p. 30)

Rodolfo Teófilo mostra-nos friamente todos os pormenores do cadáver em estado de putrefação. A linguagem da cena é direta, sem adornos; lembra-nos um laudo cadavérico.

A falta de experiência na prosa literária é demonstrada pelo fato de o escritor não conseguir realizar, com certo sucesso, o fingimento poético. As opiniões e ideias não são muito bem mascaradas por Rodolfo Teófilo. O método de observação particular do autor é transferido ao narrador, que por sua vez também o transfere ao protagonista Freitas. A observação de um fato é acompanhada por um sentimento de perplexidade.

“E como era repugnante o aspecto da pele dos famintos! As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo contra aquele estado fisiológico o maior asseio. A pele se tornara áspera e suja, desagregavam-se escamas de tamanho irregular, ao mesmo tempo que uma secreção fétida destilava os poros! Freitas, pasmado diante do quadro que tinha à vista, deixou a matriz e foi com os companheiros procurar a comissão de socorros públicos”. (1979. p. 50).

Os olhos de Freitas assemelham-se à maneira de Rodolfo Teófilo ver a realidade. No quesito da observação, Freitas nos parece o *alterego* de Rodolfo Teófilo. Eis a famosa cena em que Freitas, recém-chegado a Fortaleza, observou a cidade e relatou a sua esposa

“– Venho horrorizado, Josefa. Vi tanta miséria, que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pode me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas! Cedo desiludi-me. A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem o lúgubre aspecto das povoações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas dormem ao relento, e raro é o dia que destes dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos no meio da rua, um velho e uma mulher, expostos no calçamento como cães ou gatos, apodrecendo no monturo. Tive dó deles! Como estavam magros! Em suas fisionomias, pode-se dizer, se percebiam ainda os fundos traços de uma prolongada angústia. A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar vinte cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror! [...] E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco; e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura! Informe-me de tudo, e nada do que vi e ouvi alentou-me! Disseram-me que a prostituição lavra desenfreada. São muitos os sedutores. Até meninas de dez anos estão perdidas por esta raça maldita de perversos! O espírito se abate, agoniza mesmo, perante um tão vivo quadro de misérias humanas. Ao mesmo tempo, o corpo definha, mal alimentado, à falta de ordem na distribuição dos víveres do governo. Os socorros são mal distribuídos. Trocam a ração pelo trabalho, (1979. p. 100-101).

Ao relatar o que vira à esposa, Freitas foi uma testemunha ocular privilegiada que viu atentamente toda a miséria que estava acontecendo em Fortaleza. A descrição serve como mote do romance e os olhos não são comuns, são olhos moralizantes e aterrorizados.

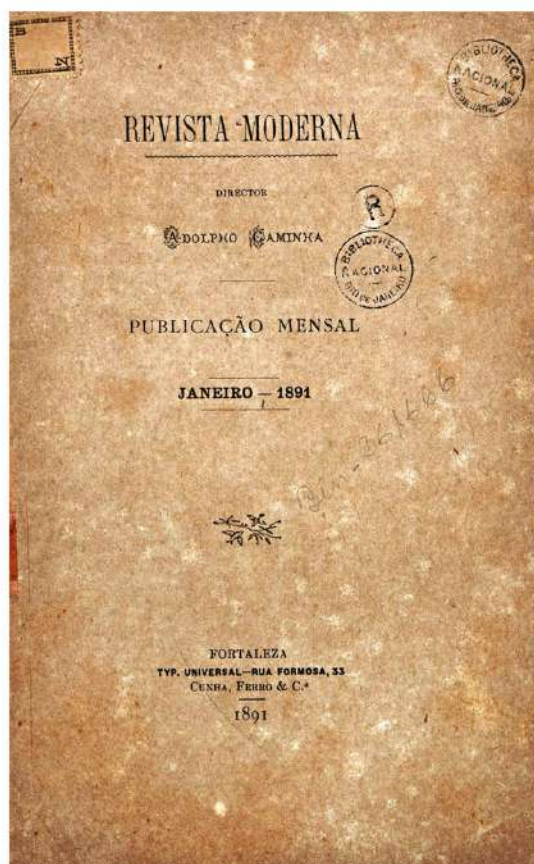
Recepção do romance e a polêmica com Adolfo Caminha

A fome foi bastante comentada na imprensa e dividiu opiniões. É um livro forte que suscitou comentários positivos pelo seu caráter engajado, pelo seu desejo de retratar tristes episódios da história cearense, que no

entanto, também provocou críticas negativas, pelo uso da linguagem extremamente cientificista e rude. Aplaudido pela sinceridade e censurado pelas deselegâncias da escrita. Para os escritores como Antonio Sales, Araripe Júnior e Nestor Victor, o mérito do romance está em sua sinceridade e comprometimento. Mas, a obra não recebeu apenas elogios. Uma das mais famosas polêmicas, no século XIX, no campo literário cearense, iniciou em 1891, nas páginas da revista *Moderna*, periódico publicado em Fortaleza, a partir de uma crítica impressionista:

“O Sr. Teófilo, no seu livro, faz triunfar a virtude por meio de tramas falsas e falsas situações. No desfecho, então, a verdade é completamente sacrificada, e faz-nos rir o tom profético e imperioso com que o romancista pretende comover e moralizar [...] não conseguiu dar senão páginas sem estilo, sem arte, sem verdade às vezes”. O crítico anônimo também afirmou que o romance era um “dramalhão decadente, frívolo, pueril, insignificante e monótono a ponto de cansar o leitor”.

Segundo o intelectual Guilherme Studart, a revista *Moderna* foi uma publicação mensal, fundada em Fortaleza, em 1891, pelo escritor Adolfo Caminha.



Fac-símile da capa da Revista *Moderna*, edição número 1, 1891.

A Revista tinha o objetivo de divulgar as ideias literárias modernas contra a ignorância cultural que existia na cidade.

Em 1895, seria revelada a autoria da crítica: o próprio Adolfo Caminha. Esse texto foi reunido com outros artigos e publicado no livro *Cartas Literárias*.

Teófilo, que foi acusado de ser um mau escritor e de falsear a verdade, finalmente descobriu a identidade de seu algoz. Em 1895, ele já era membro Padaria Espiritual. Indignado, respondeu ao seu crítico escrevendo dois artigos no jornal *O pão*: “A normalista” e “Cartas literárias”, no mesmo ano, textos escritos para atacar o romance de Adolfo Caminha e sua personalidade literária.

No artigo “Cartas literárias”, no jornal *O Pão*, Nº 26, em 15 de outubro de 1895, Teófilo declara o ponto que lhe causou mais mágoa, no comentário do seu oponente.

“De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz A fome a que mais me doeu e me revoltou mesmo foi a falta de verdade nas cenas que descrevo. Tenho consciência do contrário; percorri os abarracamentos, ouvi com grande atenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter fotografado no meu livro, não todos os episódios d’essa angustiada época, pois os que julguei mais extraordinários sob o ponto de vista das misérias humanas. Esse assumpto tratado por Alencar, Aluísio ou Guerra Junqueiro daria páginas admiráveis de estilo e verdade, diz o meu crítico. O meu amor próprio nunca cogitou de elevar-me às grandes alturas onde pairam as águias. Não foi a ambição de glórias, de renome que me fez escrever a história da seca, mas a necessidade de deixar escritas algumas informações d’esse tempo aos nossos pósteros. A minha envergadura é pequena para alar-me as cumeadas onde estão Alencar, Aluísio e Junqueiro, e sei que descrevendo a seca eles dariam páginas de melhor estilo, de mais arte, porem de mais verdade a minha consciência diz que não” (sic).

Para defender-se da acusação de faltar com a verdade, ele mostra o seu método de trabalho para escrever o romance: pesquisas de campo, entrevistas com os retirantes, o exame de documentos. São as mesmas metodologias empregadas no desenvolvimento de suas obras historiográficas: *História das secas (1877-1880)*, *A seca de 1915*, *A seca de 1919*, *A libertação do Ceará* e *A sedição de Juazeiro*.



Rodolfo Teófilo por Luis XIII

O método empírico de ‘coleta de dados’, a “observação e estudo direto da realidade foi assaz empregada pelo escritor Émile Zola. Para escrever o romance *Germinal*, ele passou meses numa região mineira. Ele frequentou cortiços, bebeu cerveja nos botequins, desceu ao fundo dos poços para observar atentamente o trabalho dos operários. Rodolfo Teófilo segue a mesma metodologia científica para escrever seu romance. Para explicitar a sua observação rigorosa, ele utiliza a metáfora “fotografar”, como sinônimo de seu fazer literário. Apesar de afirmar que “fotografa” a realidade, ele faz uma seleção dos fatos mais extraordinários sob o ponto de vista das misérias humanas. Outra imagem que Rodolfo cria para si é a do intelectual modesto, que não atua na sociedade visando sua glorificação como literato, tornar-se consagrado como os escritores citados. Ele assume que escreveu *A fome* pela “necessidade de deixar escritas algumas informações d’esse tempo aos nossos pósteros”, por uma questão humanitária, dando a sua literatura, uma função jornalística e memorialística.

Sobre o seu cientificismo, ele declara:

“Outro defeito que Adolfo Caminha aponta em A Fome é o abuso que faço de termos científicos. Não duvido que a leitura quotidiana de obras de ciência tenha feito incorrer nessa falta, mas não a ponto de sacrificar as cenas que descrevo, a estética dos quadros que pinto, que reproduzo do natural. Quer o meu crítico que eu chame passarinha em vez de baço [...] Não, Sr. Caminha, o modo de dizer deve estar de perfeito acordo com a cultura intelectual do indivíduo”.

Ele revela que as suas preferências são as leituras científicas, tornando a ciência o seu estilo de escrita literária. Ele usa o romance para realizar seus estudos de caso, como por exemplo, o caso dos efeitos da anasarca no organismo dos indivíduos. Sendo o romance, na sua visão, um tratado científico, ele não pode abandonar o seu discurso específico.

A leitura dos trechos dessa polêmica nos constata que Rodolfo Teófilo, como um sujeito enunciativo, não escreveu seus textos em “solo institucional neutro e estável”, pois utilizou o jornal *O pão* para responder à crítica de Adolfo Caminha, adotando o tom polêmico e panfletário para legitimar o seu conhecimento científico e seu engajamento intelectual.

Se “todo homem traz em si uma espécie de rascunho de sua vida”, segundo o pesquisador francês Philippe Lejeune, Rodolfo Teófilo vai moldando, ao longo dos anos, uma imagem de si relacionada à sua formação e sua profissão – farmacêutico/cientista–, mas também relacionando às suas atividades intelectuais, explicitando o seu domínio formal das letras e dos instrumentais teóricos e científicos.

A missão intelectual foi mais explícita no romancista estreante. Temos de convir que a maior motivação da escritura do romance *A fome* foi a da denúncia sócio-política. O estilo de Rodolfo Teófilo no referido romance é a junção do cientificismo à denúncia social e o regionalismo.

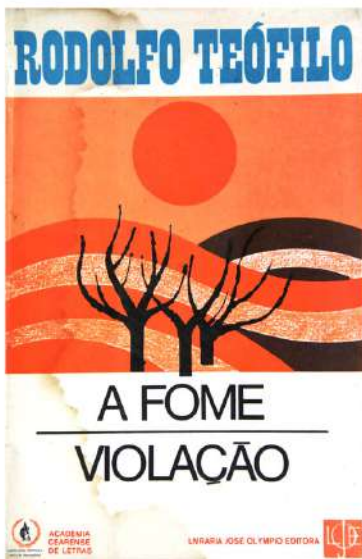
Ele denunciou o vício do jogo, a barbárie em relação à escravidão, a corrupção dos agentes do governo, o estado de pleno abandono em que as autoridades deixaram os retirantes. Rodolfo Teófilo nos mostra que o Ceará passava por uma fabulosa riqueza material e ansiava em ser um estado civilizado. Assolada por um grave evento climático, abandonou os seus filhos à própria sorte. O farmacêutico estava com fome de justiça e o seu livro é um quadro daquele desamparo.

Ao longo das décadas de 1910 e 1920, Rodolfo Teófilo esteve envolvido em diversos conflitos no campo do poder cearense, marcados por uma luta política acirrada com a oligarquia Accioly, e publica diversas obras historiográficas, memorialistas, científicas e de denúncia, tais como: *Secas do Ceará: segunda metade do século XIX (1901)*, *Varíola e vacinação do Ceará (1904)*, *Violência (1905)*, *Memórias de um Engrossador (1912)*, *Libertação do Ceará (1914)*, *Sedição de Juazeiro (1915)*, *A seca de 1915 (1919)*, *Varíola e vacinação no Ceará (1905- 1909) (1919)* e *A seca de 1919 (1922)*. Os livros foram diversificados, no entanto apresentam pontos em comum: são frutos da ação política e sanitária de Rodolfo Teófilo, escritos com o intuito de defender a terra cearense e seu povo, da injustiça, do descaso, da corrupção, dos desmandos políticos existentes no estado.



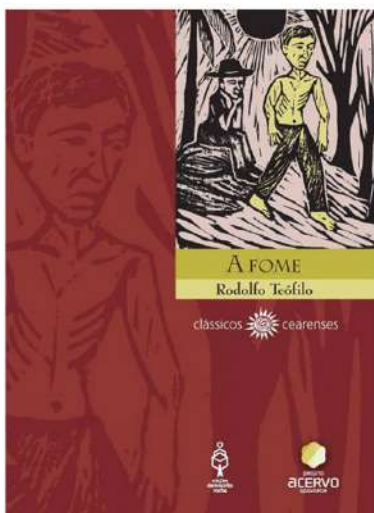
Rodolfo Teófilo em sua escrivaninha e biblioteca particular. Hoje, o móvel está no Museu do Ceará.

ONDE ENCONTRAR O ROMANCE *A FOME*?



Editado em 1979, uma parceria da Academia Cearense de Letras com a Livraria José Olympio, publicada no Rio de Janeiro/Fortaleza, é o segundo livro da "Coleção Dolor Barreira, que foi um plano de reedição de obras literárias cearenses, com organização, atualização ortográfica, introdução crítica e notas por pelo poeta e acadêmico Otacílio Colares. *A fome* foi reeditada junto com a novela *Violação* (1898), texto raríssimo até então. O livro pode ser baixado e lido em pdf na página da Academia Cearense de Letras, assim como os outros livros da Coleção Dolor Barreira, por meio do link a seguir:

http://www.academiacearensedeletas.org.br/revistaColecao_Dolor_Barreira/A_Fome.html



Editado e publicado em 2002 pela Edições Demócrito Rocha, essa edição faz parte do projeto Clássicos Cearenses, na época, coordenado por Lira Neto e José Maria Arruda. O livro conta com um texto introdutório do escritor Lira Neto, com capa e projeto gráfico de Arlene Holanda e Deglaucy Jorge Texeira. A ilustração da capa é uma xilogravura de João Pedro do Juazeiro. Pode ser adquirido na página da Livraria Dummar em:

<https://livrariadummar.com.br/a-fome.html>



Lançado em 2011, pela Editora Tordesilhas, de São Paulo, foi organizado por Waldemar Rodrigues Pereira Filho e conta com posfácio do escritor Lira Neto. A capa e o projeto gráfico é de Kiko Farkas e Thiago Lacaz, e a imagem da capa é a xilogravura de J. Borges, intitulada 'a vida no sertão' (2005). O livro pode ser adquirido em várias livrarias do Brasil, inclusive on-line, nas páginas da Livraria Cultura, Estante Virtual e Amazon.



EQUIPE CRIATIVA



CHARLES RIBEIRO PINHEIRO

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2008). Mestre em Literatura Comparada (2011), pela UFC, com a dissertação *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista* (Bolsa FUNCAP) e Doutor em Literatura Comparada (2019), pela UFC, com a tese *Rodolfo Teófilo polemista: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária* (Bolsa CAPES-DS). Foi coordenador do projeto de extensão e docência "O entre-lugar na Literatura cearense" (2015-2018). Professor conteudista do Curso de Literatura Cearense, promovido pela Fundação Demócrito Rocha, em 2020. Atua como revisor, redator, roteirista e autor de livros didáticos de Literatura.

Site: <https://caminhosdapesquisaliteraria.webnode.com>



LUÍS XIII

Antônio Luís P. Silva é ilustrador e quadrinista cearense. Autodidata, inspirou-se nos quadrinhos americanos de super-heróis para iniciar a carreira, tendo o artista Al-Rio como incentivador. Além de trabalhar com comissões, teve artes à venda nos sites E-Bay e CAC. Ilustrou os quadrinhos: nos E.U.A, "*The father*" (1, 2, 3, 4 e 5) e "*Everland*" (1ª edição), de Frank Fletes; "*Patriotika*" (1ª edição), de Ron Zabala; "*Argo*" (5 covers), de Dan Sehn; a webcomic "*Exierrn*", de Scott T. Hicken; e no Canadá, "*Royal Blood*" (16 e 18), de Maurice Deveraux. Atualmente trabalha no projeto *Hamarteia*, quadrinho digital que pode ser lido em seu site.

Site: <https://luisxiii.art/>

Instagram: @luisxiii.art